

ELEMENTOS DA NACIONALIDADE PORTUGUEZA

4. — Os Celtas da Lusitania

Na occupação da peninsula hispanica pelas differentes raças que vamos apontando, convém não nos limitarmos perpetuamente aos dados historicos mais ou menos contradictorios dos escriptores classicos ; muito se póde já deduzir dos elementos fornecidos, além da Antropologia, da propria physiologia com relação á lei das migrações dos povos sobre o planeta. Diz Gustave Le Bon: « É só nas regiões mais frias do que aquella d'onde um povo emigra, que elle se poderá acclimar mais facilmente. Os povos que avançam para o Norte, e a historia do movimento colonizador dos Romanos é a prova frisante, conseguem perpetuar-se ai, ao passo que os que marcham para o Meio Dia desaparecem rapidamente. » Por este principio appresentado por Le Bon, no seu *Traité de Physiologie*, explicamos como o elemento lybico ou berber veiu da Africa constituir nas margens do norte do Mediterraneo a forte raça iberica, e ao mesmo tempo evidencia-se porque é que os Romanos nunca conseguiram colonisar os territorios africanos tirados ao dominio dos Carthaginezes. A influencia da raça e civilisação iberica ainda prevalecia mais pelo modo como se operou a migração das outras raças que se misturaram com ella: essas raças desciam do norte para o sul. Le Bon fundamenta esta poderosa acção mesologica: « O céo meridional foi sempre implacavel para os homens do norte. Os Barbaros, que na queda do imperio romano deixaram as suas regiões frias para se irem fixar nas partes mais ferteis e quentes do mundo antigo, foram de prompto destruidos. Em menos de um

seculo depois da invasão, já se não achava um unico Godo na Italia.»¹ Importa ter sempre presente ao espirito este principio de mesologia. A raça celtica que entrou na Peninsula hispanica desceu do norte, e antes de se recorrer á exiguidade do seu numero e á inferioridade da sua civilização diante das populações ibericas, a modificação climatologica fez com que ella fosse absorvida pelos Iberos. Os Celtas são um grande ramo da raça árica ou indo-europêa; na sua deslocação das bordas do mar Caspio para a Europa, todos os ramos áricos seguiram as mesmas linhas climatologicas, de sorte que não degeneraram. A direcção das montanhas na Asia e na Europa é no *sentido das parallelas*, isto é, geralmente de *leste a oeste*; a fauna das bordas do mar Caspio participa dos caracteres da fauna da Europa e da Asia menor, e a Europa considerada como um prolongamento ou peninsula da Asia, prestava-se á immigração seguindo a igualdade das linhas climatologicas.² Comprehende-se como os povos áricos se tornaram progressivos na Europa; o Celta, porém, ao descer para o sul, foi irremediavelmente absorvido pelo elemento gaulez na França e na Italia, e pelos Iberos na Hespanha. As grandes differenças entre os caracteres antropologicos do Ibero e do Celta tornaram mais facil o seu mutuo cruzamento, e foi essa mestiçagem que pôde imprimir uma certa persistencia ás qualidades do Celta, que desaparecia sob o numero da população iberica. Williams Edwards, no seu trabalho *Des caractères physiologiques des Races humaines considérés dans ses rapports avec l'Histoire*, estabelecendo os principios antropologicos da persistencia das raças, provou as grandes applicações que d'elles se devem tirar para a comprehensão dos primeiros povoadores da Europa: « Que interesse deve inspirar um conhecimento mais exacto do povo que começa a ser denominado *Ibero*, do nome dos seus antepassados, e que estão espalhados no Meio Dia da França e na Peninsula. »³ A conclusão fundamental a que Edwards chegou, de que se podem reconhecer os povos antigos através dos modernos, é que vem revelar a importancia dos estudos antropologicos e ethnologicos para a comprehensão da historia. Os dados fornecidos pelos geographos e historiadores classicos sem esta luz que submete os factos sociaes a leis naturaes, são de tal fórma confusos, contradictorios e inintelligiveis, que as questões de origens antropologicas se tornariam verdadeiramente insoluveis. A questão dos Celtas estava n'esta situação embrulhada, em que ora se attribua

¹ *L'Homme et les Sociétés*, t. II, p. 64.

² Alfred Maury, *A terra e o Homem*, p. 357.

³ Op. cit., p. 113. Ed. Paris, 1829.

toda a população da Europa e todos os seus monumentos archeologicos aos Celtas, ora se negava a sua importancia numerica, reduzindo-os a tribus vagabundas e guerreiras subjugadas pelos povos sedentarios. Ha um termo médio n'este problema, não suggerido por um processo logico, mas por um dado historico; os Celtas seriam totalmente extinctos no clima quente do Meio Dia da Europa se elles não tivessem sido precedidos no occidente por um ramo proto-celtico, a que se chama os Ligurios. Confundidos com os Iberos na peninsula, pela similaridade da sua civilização de bronze, elles prepararam as condições para essa persistencia facil da raça mestiça dos Celtiberos. Paulo Broca, depois de caracterisar os Bascos dos Pyrenneos como os representantes derradeiros de uma raça de cabellos negros (Iberos) que occupou a maior parte da França, apresenta as consequencias do facto de uma grande invasão de *norte a sul* e de *leste a oeste*, que vem modificar esta raça de cabellos pretos.¹ É a invasão dos Celtas; a confusão das duas correntes invasoras é que tem embaraçado a critica na coordenação dos textos. A primeira invasão foi a que se deu de *leste a oeste*; bastava esta direcção, dentro da mesma linha climatologica, para assegurar a preponderancia d'este novo elemento antropologico. Broca attribue ao fusioamento d'esta corrente com a raça de cabellos pretos a producção, no sudoeste da França, dos Aquitanios de cabellos negros, e o celta de cabellos negros da Bretanha, Irlanda, Hespanha e Italia.

A invasão celtica de *norte a sul* é relativamente moderna, e confundida com a primeira, torna-se inexplicavel pelos anachronismos, se se não destacar esta dupla corrente. N'esta invasão veio o Celta louro e nomada, que só pôde subsistir como colono agricola onde encontrou os elementos da invasão de *leste a oeste*, ou os Ligurios.

A sorte das tribus ou raças ibericas tinha de ser o perderem a sua individualidade nacional diante das successivas invasões dos diversos ramos da grande raça indo-européa em toda a Europa. Restringindo esta situação á peninsula hispanica, o Ibero soffreu a primeira invasão de uma gente considerada como de origem árica, conhecida através dos geographos e historiadores gregos com o nome de Lygios e denominada pelos escriptores romanos *Liguses*. A sua extensão foi grande na Gallia, na Italia e em Hespanha, e pôde considerar-se como precursora da raça celtica. Eratosthenes denominava a Peninsula iberica *Ligustica*, e os geographos gregos

¹ *Mémoires d'Anthropologie*, t. I, p. 292.

diziam-na povoada de *Ligures ou Celtas*; o Tartessus passava por um lago chamado *Ligustino* em cujas margens existia uma cidade denominada *Ligustina*. Segundo uma afirmação de Estevam de Byzancio, a Lusitania era uma parte da Betica, e segundo os modernos trabalhos da archeologia sabe-se que a Lusitania não foi mais do que uma divisão arbitraria feita pelos Romanos de varias tribus celticas da Betica. Os Ligures considerados como celtas pelos escriptores antigos, são pelos trabalhos de Freret ¹ e de Lemièrre ² considerados os *celtas das bordas do mar*, em quanto que propriamente o nome de Celta é extensivo a toda a raça; Mannert diz que os Ligures não descendem dos Celtas, e Guilherme de Humboldt apoiando-se n'esta authority, diz que os Ligures podiam ter a mesma origem que os *bascos*. Jubainville identificando os Ligures aos Sículos e Aborigenes de Italia, considera-os como o primeiro povo indo-europeu que appareceu na Europa occidental, pouco mais ou menos dous mil annos antes da éra vulgar. ³ Um meio termo deve existir em todas estas opiniões com o qual se pôde bem definir esta raça proto-celtica, que fixando-se no territorio da Betica e Lusitania, facilitou o estabelecimento da raça celtica no territorio que veio a ser Portugal. Os Lygios ou Luguses chamavam-se a si mesmos *Ambros*, como o revela Plutarcho; ⁴ e na Italia foram vencidos e assimilados pelos *Ombrios*. Entre as varias tribus celtibericas enumeradas por Strabão acha-se a dos *Berons*. A persistencia d'este radical *Br, ber*, apparece no territorio em que os Phocéanos fundaram Marselha, que pertencia aos Ligures e se chamava *Segobrigii*, segundo Justino. Estes factos justificavam a opinião de Amadeu Thierry e de Henri Martin, que consideravam os Ligures como um povo basco. ⁵ Muitas cidades liguricas da Europa meridional conservam o mesmo radical, como *Alba, Albium, Elba, Ilva, Ivates* junto dos *Insubres, Elvetii*, e na peninsula, *Alba, Alavona, Alaba, Albiga, Albium, Albocella, Albonica, Elvas* representam esta influencia ligurica. ⁶ Fallando do nome do chumbo, nas linguas semiticas *Abar*, Lenormant suggere que importa comparal-o com a expressão lalina *plumbum album*, e com o duplo sentido de chumbo e de alvo, entre os Slavos *olovo*, e entre os Lithuanos *alwas*. ⁷

¹ *Obras completas*, t. iv, p. 206.

² *Etude sur les Celtes*, 2^o Etude, p. 40.

³ *Les premiers Habitants de l'Europe*, p. 245.

⁴ Ap. Jubainville, p. 223.

⁵ *Ibid.*, p. 222.

⁶ Nota de Marrast compendiando as observações de Ampère na *Histoire romaine à Rome*. Recherches, p. 404.

⁷ *Prémières Civilisations*, I, 148.

Systematisando todos estes factos podemos concluir das diferentes características ibericas dos Ligures, que assim como os gaulezes adoptaram a lingua dos Celtas quando estes preponderaram pelo numero, tambem os Ligures abandonaram a sua lingua pela dos Iberos, quando estes ainda conservavam todo o seu vigor. Este facto explica porque o vocabulario celtico é tão diminuto entre os povos novo-latinos, e porque é que as tribus celtibericas tendiam a desmembrar-se pelo instincto das aventuras.

Assim como os Ligures são totalmente assimilados pelo elemento iberico da peninsula e batidos tanto na Gallia como na Italia, por seu turno os povos *ibericos* e *euskes* fusionam-se com os Celtas, de tal fórma que no tempo de Cesar todos os povos gaulezes eram indistinctamente chamados Celtas. Strabão influenciado pelos escriptos de César propagou este syncretismo ethnico, que tanto tem contribuido para viciar o criterio historico. Polybio distingue as duas raças gauleza e celtica, e Diodoro Siculo estabelece terminantemente: «É preciso aqui fazer uma distincção que muitas pessoas não tem notado. O nome de *Celtas* pertence aos povos que habitam para cima de Massalia, no interior das terras, e que vivem áquem dos montes Pyrenneos até aos Alpes; o nome de Gaulezes, aos povos que estão estabelecidos além da Celtica... *Mas os Romanos confundiram estas nações sob uma mesma denominação e a todos deram o nome de Gaulezes.*» (v, 32.) Lemière e Lagneau, demonstrando que o Gaulez é «um ramo da grande raça scythica» dão-nos o meio de distinguir o elemento *Euske* da familia iberica.

O Celta trazia já o conhecimento do ferro quando entrou na Europa, circumstancia que contribuiu bastante para o seu predomínio; a constituição sacerdotal do druidismo a que se submeteram, apressou a concepção do poder temporal (os cavalleiros) e da organização politica; e a sua facil assimilação ou tendencia progressiva, fez com que se aproveitasse da civilização iberica, com que se modificasse com o contacto da civilização hellenica e mais tarde se transformasse com a civilização dos Romanos. Mas estas causas precoces de desenvolvimento fizeram com que nunca se formasse uma nacionalidade celtica; o druidismo produziu-lhe a languidez dos devaneios da immortalidade, e a sua facil assimilação deu-lhe uma profunda tolerancia e bondade caracteristica, mas tirou-lhe a individualidade.

Se no territorio a que os Romanos chamaram a Lusitania preponderou o elemento ligurico, como vimos, explica-se como os Celtas se desenvolveram mais no territorio que veiu a formar Portugal. Strabão, fallando dos Celtas da Finisterra (Cabo celticum, ou Nerion) ao noroeste da Hespanha, diz que eram da mesma origem dos Celtas do Guadiana. (Liv. III, cap. III, §. 5.) Pomponio Mela

menciona outros Celtas na região situada ao sul do Douro (*De situ orbis*, liv. III, cap. 1.) Os Celtas das bordas do Guadiana também tinham o nome de Celtas-Cletas, e habitavam ao sul do Tejo, a maior parte da região compreendida entre estes dous rios. (Strab. III, cap. I, §. 6.) Segundo Polybio e Strabão, os Turdetanos que habitavam ao sudeste dos Celticos eram da mesma raça: os Turdulos, segundo Plínio, teriam habitado ao norte da Lusitania, ao sul da embocadura do Douro. (*Hist. nat.*, IV, c. 35).

Multissimos radicaes celticos se conservam na toponomastica portugueza, como *Pen, Alpe, Dun, Dono, Dur, Ana*, etc., mas devem attribuir-se à raça da invasão de *leste a oeste* que se fusionou com os Iberos. Os deuses celticos na Peninsula não são tão abundantes como os ibericos, como se vê pelas Inscriptões colligidas por Hübner por ordem da Academia de Berlim; citaremos alguns que nos mostram a extensão da raça: AERNUS ou *Arnus*, designação generica de Deos no dialecto celtico de Manx ou gaelico da ilha de Man na forma de *Hiarn* ou *Jiarn*, correspondente ao irlandez *Hiarna* e *Thighearna*. AESAR, em irlandez ou dialecto da Hybernia, acha-se agglutinado em algumas inscripções como *AbiafelaESUREcus*, *BandiaepoleGESUS*, *Bmervasecus*. DIA, em gaelico, acha-se agglutinado no nome do deus *Dialcus*. Tal é a corrente do celta maritimo, que entrou na Europa na direcção de *leste a oeste*. A invasão do *norte a sul* é importantissima, mas só para a Europa central.

As migrações celticas estenderam-se pela Europa occidental, pela Italia, França, Hespanha e Ilhas britannicas, sem que esta forte raça chegasse a constituir uma grande nacionalidade; estes povos tinham trazido do seu tronco árico uma religião polytheista, quando se separaram das margens do Oxus e Iaxartes, 3000 a 2400 annos antes da éra vulgar; traziam já o conhecimento do bronze e do ferro; usavam a contagem decimal sabendo enumerar até cem, e já recorriam á industria da tecelagem; enquanto ás fórmulas da aggregação social estavam constituídos em tribus, cujo governo exposto a constantes conflictos seria talvez uma das causas das migrações de outros ramos áricos que se lhe seguiram, taes como os Pelasgos, (Gregos e Latinos, 1900 annos antes da nossa éra) e os Germano-Slavos (Prusso-Letto-Slavos e Germanos). A prioridade da migração celtica, explica-nos a maior proximidade com as tribus da alta Asia, que entraram na Europa, conhecidas pelo nome generico de Iberos, da mesma fórmula que os Scythas e Getas estavam relacionados com os Germano-Slavos. No prospecto ethnologico do capitulo x do Genesis, acha-se a expressão d'esta situação confusa, designando-se sob o nome de Gomer (Cimbros) os Riphath, (Celtas dos Ripheos e Carpathos) e os Askenas, (Germanos) e sob o nome de Magog, (Slavos) os Getas, Scythas e Messagetes. A migração dos

Celtas fez-se pelo norte da Europa, lutando com os povos já estabelecidos que também conheciam o bronze; o seu atrazo em relação aos Javan (Gregos) e aos Thiras (progenie dos povos românicos) deve attribuir-se a essas luctas em que gastaram a sua actividade até chegarem ao occidente e sul da Europa.

O nome do seu deus *Esus*, ainda apparece entre os Germanos em *Aeses*, e nos Etruscos em *Aesar*, e demarca-nos o periodo da sua separação, quando os Arias da Bactriana e da Sgodiana estavam reunidos e adoravam *Asuras* e *Ahura*. Sahiram n'esse periodo de organização patriarchal em que se constituiu espontaneamente o sacerdocio, e a que deram nas suas migrações e completamente nas Gallias a fórma do Druidismo. O facto religioso tem aqui uma alta importancia politica, porque foi elle o nexo das primeiras federações espontaneas, semelhantes entre si em todo o Occidente europeu: « Assim, a confederação dos povos da Gallia, da mesma fórma que a dos povos da Hespanha e da Italia, offereciam tão pouca força e cohesão como o Conselho das Amphyctionias em presença das cidades rivaes da Grecia. Estas assembléas parece terem sido uma instituição religiosa mais do que politica, e mantidas sob a direcção dos Druidas, terem tido por objecto as regras uniformes no culto, em lugar de conseguir deliberações de interesses geraes, nos quaes a profunda rivalidade dos estados teria rebentado em violentas dissensões. » ¹ Estas dissensões apparecem nas variedades dialectaes do Celtico, das quaes as conhecidas são como centros de outras divergencias, o velho Celta, o Irlandez, o Gaëlico, o Gaulez, o Armoricano e o Baixo Bretão. Nos Celtas da peninsula hispanica existiram as mesmas dissidencias e divisões; ao avançarem para o sudoeste da Europa foram vencendo ou assimilando-se á anterior raça asiatica, que se defendeu e resistiu apenas no triangulo da Aquitania; na peninsula hispanica deu-se também essa lucta, vindo a terminar pelo cruzamento das duas raças, formando assim o povo dos Celtiberos, talvez para resistirem ás invasões mediterraneas dos Phenicios, ou já então dos Yavanas, ou mesmo dos Celtas maritimos e bretãos insulares. O elemento iberico resistiu apoiando-se, como em todos os conflictos de raça, nas montanhas dos Pyrenneos, onde mais tarde começará também a resistencia contra os Arabes; a occupação dos Celtas fez-se na peninsula de leste para oeste, alargando-se até á costa atlantica, ou recuando segundo a pressão das invasões marítimas.

¹ Charrière, *La Politique de l'Histoire*, t. I, p. 407.

O territorio da Lusitania apresenta-nos esta vacillação ; os ramos ou povos celticos da peninsula tambem se agrupam em duas divisões essenciaes, a do norte, comprehendendo os Cantabros, os Asturos e os Vasconios, e os da região occidental, comprehendendo os Callaicos e os Lusitanos. Em Strabão ainda se encontra apontado confusamente o facto da confusão entre os Callaicos e Lusitanos pela demarcação do territorio occupado por estes ultimos. A Lusitania estendia-se desde o Tejo (margem direita) até ao promontorio Nerio (Finisterra) na extrema da Galliza ; este facto é importante e mostra-nos que a superioridade dos Callaicos se desenvolveu por migrações posteriores de outras tribus da Gallia só muito mais tarde. De facto no territorio da Lusitania vê-se esta oscillação, sendo depois o seu limite norte ao Douro, mas ampliando-se para sul, pelo Alemtejo até ao Algarvé. Na historia de Portugal reflecte-se esta oscillação ; o Condado da Galliza, que lucha pela sua independencia contra a absorpção castelhana, estende-se primeiramente até ao Douro, e em uma segunda época até ás margens do Tejo ; o Condado de Portugal, nas luctas pela sua constituição autonoma, procura primeiramente incorporar a Galliza, e só depois de repellidas estas ambições que ainda appareceram no reinado de D. Fernando, é que o territorio nacional se conquista sobre os arabes do Alemtejo e do Algarve, onde na época celtica se haviam estabelecido os Turdetanos ou Turdulos. Por esta incorporação dos Turdulos pelos Lusitanos, se comprehende tambem como os portuguezes tendiam para a conquista do Algarve. A occupação phenicia no delta do Guadiana communicou aos celtas do sul os rudimentos da importante civilisação Bastulo-phenicia, isto é, semita ; em outra época as colonias cartaginезas dos *bastados*, pelo seu elemento lybico radicaram-se pela analogia ou similaridade entre iberos e lybios ; e é tambem natural a concordancia historica de a occupação arabe do territorio onde está Portugal não se estender acima da Feira, isto é, proximo do Douro. É assim que vemos primeiramente que a Galliza se destaca de Portugal, e depois como esta nacionalidade se intégra com esse antigo elemento ethnico do Alemtejo e Algarve. Os Turdetanos, ou Celto-phenicios, receberam um impulso de civilisação dos navegadores phenicios ; os nomes de Tejo, (*Dagi*) de Lisboa, (*alisubbo*) e muitissimas outras denominações toponymicas de origem phenicia, como notou primeiramente Bochart e desenvolveu depois Malte-Brun, são um documento flagrante d'essa acção civilisadora, que tornava os Turdetanos os iniciadores de uma organisação nacional. Esta superioridade foi por ventura o movel que os levou em expedições para o noroeste da peninsula, e assim se explica o facto aparentemente contradictorio citado por Strabão, em que apresenta os Lusitanos, das margens do Tejo, estabelecidos pelas margens do rio Li-

ma. No geographo grego é preciso destacar todos os factos contradictorios como narrativas ou descripções pertencentes a diversas épocas, as quaes, colligidas de varias fontes tradicionaes ou de diferentes portulanos, agglomeradas em um mesmo momento historico se tornam absurdas e inconciliaveis. É o que os criticos ainda não têm feito. Por outro lado a investigação da realidade do poema geographico de Festo Avieno, *Ora Maritima*, começando a exploração das costas occidentaes da península de norte para o sul¹, concordando plenamente com as designações locaes, tem a importancia de nos revelar como á custa dos Celtas da Turdetania, que permaneceram dispersos pelas margens do Lima, puderam os phenicios explorar essas regiões hostis, onde estanciavam colonias gregas. Com este estabelecimento das tribus Turdulas, o territorio confinado pelo Minho começa a corresponder a uma realidade ethnologica, designada pelo nome de *Lusitania*, cuja separação do elemento gallico era devida ao cruzamento com os lybio-phenicios. Começa portanto a confusão entre o sentido geographico e nacional das duas denominações Galliza e Lusitania, a qual transmittida pelas povoações chega até aos chronistas da Edade média, embaraçando immensamente os eruditos. Os accidentes historicos da conquista neogothica fazendo variar os limites da Galliza tornaram a confusão verdadeiramente inextricavel; pela bravura de Fernando Magno estendendo-se a reconquista até ao Mondego, todo este territorio ficou designado pelo nome de Galliza; o nome de Lusitania devia recuar limitando-se ao territorio do sul do Mondego, especialmente á actual provincia da Beira. É isto o que se deprehe de Chronicon de Lucas de Tuy. Duas illações importantes se tiram d'aqui: a primeira é que na organização nacional portugueza, a língua, a poesia lyrica, a aristocracia, são-nos transmittidas pela Galliza, que foi na Edade média um dos primeiros centros da civilização peninsular; a segunda é o sentido da tradição que faz da Beira o centro vital da nacionalidade portugueza pelas suas populações mosarabes. Variando outra vez os limites da Galliza até ao Tejo, o nome de Lusitania ficára sem realidade; e estabelecendo-se a independencia do condado *PortucaleNSE*, destacado administrativamente da Galliza, e ampliado até ao Mondego, ainda apparece essa confusão em Lucas de Tuy, que emprega simultaneamente os dous nomes *Lusitania* e *Portugalis*. Segundo Herculano, o author do *Chronicon Mundi* procurou evitar esta ambiguidade, chamando exclusivamente Lusitania

¹ Bello estudo do dr. Francisco Martins Sarmento.

aos territorios ao sul do Mondego, e Portugal á Beira, ¹ mas estas ambiguidades augmentadas pelas conquistas dos portucalenses que chegaram até Lisboa, fez abandonar totalmente o nome de Lusitania substituindo-se pela generalisação do de Portugal, usado exclusivamente nos documentos medievaes. Assim o nome de Lusitania ficou completamente esquecido, e só quando veiu a manifestar-se na Europa a renascença greco-romana, e os geographos classicos foram lidos, é que o nome de Lusitania reapareceu rhetoricamente, sem que houvesse entre os eruditos uma comprehensão do seu valor ethnico. Mais tarde cahiu o descredito sobre a palavra *Lusitanos*, mas quanto a nós irreflectidamente, provocada pelos exageros dos eruditos e pela falta de estudos ethnologicos. André de Rezende confundia o nome de *lusitano* com o de *portuguez*, e o da *Lusitania* com o territorio de *Portugal*, porém dado o desconto ás diferentes raças que ainda occuparam a peninsula hispanica depois dos Celtas, e que são factores essenciaes da nossa nacionalidade, e attendendo ás modificações politicas que pelo conflicto d'estas raças variaram os limites do territorio, a idéa de Rezende é profundamente verdadeira; entre os historiadores como Damião de Goes e Jeronymo Osorio, e entre os poetas como Henrique Cayado e Camões, o nome de *Lusitania* exprime a tradição ancestral portugueza com uma intuição que a ethnologia confirma. O territorio em que veiu a constituir-se a nacionalidade portugueza, acha-se dividido em tres partes distinctas pelos geographos antigos, principalmente por Strabão.

a) Uma parte estendia-se desde o cabo Nerio ou de Finisterra até ao Douro; era ao que propriamente se chamava a Galliza, ou o territorio dos Gallaecos.

b) Outra parte estendia-se desde o Douro até ao Tejo, e d'este até ao Guadiana, ou propriamente o territorio da Lusitania. ²

c) Outra estendia-se desde o Ana até ao Sacrum, e era a Turdetania. ³

A nacionalidade portugueza começou a organizar-se na região de Entre-Douro e Minho, onde existia mais elemento ethnico de raça árica, sobretudo as colonias gregas e romanas, como se vê pelo regimen emphyteutico da propriedade na provincia do Minho; assimilou facilmente a região central a titulo de libertação do dominio arabe, e conservou-se a aggregação pela acção vigilante das ordens

¹ *Hist. de Portugal*, I, p. 9.

² Opinião de Ptolomeu.

³ « Ab Ana ad Sacrum Turdetania. » (Plin. e Ptolomeu).

de cavalleria; por ultimo, a terceira região como refugio dos Arabes foi conquistada já pelas incursões maritimas, em que o genio da nova nação se revelava manifestando-se com uma consciencia da sua missão historica na conquista dos *Algarves d'além mar*, ou Africa, no reinado de D. João I.

Que outra cousa é o caracter celtico, senão isto? Se Herculano condemna os que consideravam os portuguezes como os herdeiros directos dos lusitanos, pelo absurdo de fazerem resistir a raça dos Celtas « através de todas as phases politicas e sociaes da Hespanha durante mais de tres mil annos, » tambem é condemnavel o seu exclusivismo, porque a população hispanica, como se prova pela antropologia, nunca se extinguiu, e o que se dá em França com relação ao typo celtico e ás suas tradições ¹ repete-se pelas mesmas leis physiologicas na peninsula. Temos o caracter celtico no *genio amoroso*, no *espírito de aventura*; fômos ás descobertas maritimas levados pela idéa de um reino christão phantasmagorico do Preste João, e andámos pelos mares procurando *Ilhas encantadas*, e por fim renovámos as prophcias merlinicas, e encarnamos a lenda arturiana em D. Sebastião. As tradições e o typo celtico persistem entre nós, como persistem tambem os vestigios ibericos, e estes estudos são essenciaes para determinar a orientação dos actos que constituem a continuidade da historia. ² Sem fronteiras que nos separem da Hespanha, e subsistindo como individualismo nacional através de todos os esforços da incorporação castelhana e dos desconcertos politicos, onde ir procurar a força d'este individualismo senão na raça? Os ramos pyrennaicos explicam-nos a convergencia dos iberos, invadidos, para as bandas de leste; a costa maritima de oeste indica a preponderancia do Celta maritimo ou lygio n'esta região.

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

¹ Milne Edwards e Broca.

² Desenvolvido largamente no nosso livro *O Povo portuguez, nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, inedito.

ATHEISMO INCONSCIENTE

« A ideia de Deus é superior e anterior a todos os conhecimentos humanos », exclamam a cada instante aquelles que, por preguiça intellectual, ou por ignorancia, se conservam ligados a dogmas, que nunca submeteram a uma analyse racional, ou em que não crêem, mas que aceitam convencionalmente como uma necessidade social, um *freio* indispensavel para o povo. Não é uma novidade este modo de pensar, não é exclusivo dos conservadores de nossos dias. Já entre os povos antigos havia quem assim raciocinasse; basta-nos citar o famoso Cicero que affirmava, como hoje o póde fazer o sr. Paul Janet: « A religião é uma necessidade para o povo. » E para os bons espiritualistas não só é uma necessidade, mas o distinctivo supremo do genero humano. Deus é uma ideia innata na creatura que occupa um lugar reservado, o primeiro — o de rei da criação — entre todos os viventes. O homem tem uma faculdade peculiar, que o isola inteiramente da escala zoológica, abrindo um abysmo insondavel entre o reino animal e o chamado reino humano: é a faculdade religiosa. Theologos e metaphysicos, dando-se as mãos, propagam estes e outros semelhantes absurdos, tentando em vão manter a antiga separação fundamental entre o homem e o resto do mundo organico, e lançando como um apodo affrontoso o epitheto de *atheus* ás faces dos adversarios; n'esta designação envolvem indistinctamente com os que negam a existencia de Deus, os materialistas, os positivistas, os evolucionistas, os darwinistas, e mesmo simples homens de sciencia, que, ba-

seando-se nos factos observados, eliminam a distincção artificial entre os homens e os outros animaes, aproximam-os e comparam-os entre si. Para os espiritalistas, Deus é uma noção primitiva e innata no homem; por conseguinte, consideram desprovidos da graça divina todos os que negam a sua existencia ou que põem de parte por inúteis as causas primarias e finaes. O atheismo é uma aberração inexplicavel, que degrada o homem, reduzindo-o ás condições inferiores da animalidade; pretendem comprovar esta affirmacção gratuita asseverando emphaticamente a universalidade da crencça em Deus. Entre todas as tribus selvagens, mesmo as mais humildes e miseraveis, dizem os deistas, existe a noção clara da divindade. Assim tentam provar uma affirmacção gratuita com outra affirmacção não menos gratuita. Enganam-se, porém, nas suas esperanças; este fogo de artificio não illude senão aquelles que se deixam illudir, porque, na sua indolencia mental, não querem dar-se o trabalho de abrir os olhos e de vêr. São elles os peores de todos os cegos; fiquem, portanto, em paz com a sua cegueira. Para os que têm olhos e desejam vêr é extraordinariamente enorme a somma de factos que provam o contrario do que pretendem os theologos, isto é, que nem Deus é uma ideia innata, nem a crencça na divindade é um distinctivo commum a todo o genero humano.

Muitos authores se têm occupado d'este assumpto em livros, que andam hoje em todas as mãos. Letourneau por exemplo, para não citar outro, na *Science et materialisme*, rechaa admiravelmente com factos as affirmacções *a priori* dos theologos e dos philosophos espiritalistas. Ás phrases campanudas e falsas oppõe a vasta serie de povos atheus, — o *atheismo inconsciente* na expressão feliz de Hovelacque. Apesar do muito que se tem escripto sobre esta questão, nunca será inutil inteiramente voltar-se a ella para combater os preconceitos publicos e estabelecer a verdade, em especial n'um paiz, que, como o nosso, ainda não sahiu da apathia mental devida á influencia bestialisadora do catholicismo. Esta consideracção leva-nos a procurar destruir n'este artigo as pretencções espiritalistas sobre a crencça em Deus, analysando successivamente as duas proposições: 1.º a noção de Deus é universal, existe entre todos os povos da terra; 2.º a ideia de Deus é innata no homem e anterior a todos os conhecimentos positivos.

I

Povos atheus

A noção da divindade, longe de ser universal, é exclusiva de alguns povos que se puderam levantar a um certo grau de metaphysismo. Só as religiões monotheistas, e talvez em parte as polytheistas, possuem uma noção, bastante definida de um Sér supremo, principio e origem de todas as cousas. Se os theologos consentem em ir procurar os germens primordiaes d'essa noção, podem de certo encontra-los entre os selvagens, mas na sua fórma mais grosseira e ainda materialisada no fetichismo primitivo. Cremos bem que os deistas não desejam uma tal aproximação, sob pena de reconhecerem a evolução natural da ideia de Deus; a noção que elles attribuem aos povos selvagens é provavelmente independente d'essas rudimentares manifestações religiosas, porquanto seria rebaixar muito a divindade aos olhos dos crentes, confundindo n'uma origem commum os manipansos, os manitus e os *gris-gris* dos negros africanos e dos indigenas da Australia e da America com o Deus omnipotente dos christãos, com o architecto supremo dos espiritualistas, com o Deus « principio do bem » e « fundamento de toda a verdade » de Victor Cousin. Porém, se, em contradicção com as suas doutrinas, aceitarem os phenomenos ethnographicos a que nos referimos como symptomas de uma crença geral na divindade, ainda assim não provariam a universalidade da ideia de Deus. Convém mesmo não confundir a noção de Deus com um systema qualquer de religião. Deus e religião são cousas absolutamente diversas e independentes. A ideia de Deus, elevada ao mais alto grau de abstracção, não se acha ligada a um systema religioso, porquanto pertence aos philosophos espiritualistas. Por outro lado uma das religiões mais perfeitas que se conhece não comprehende a noção da divindade. É, pelo menos, esta a opinião de varios authores modernos ácerca do buddhismo. Barthelemy Saint Hilaire, no seu famoso livro *Le Bouddha et sa religion*, fornece innumerous documentos para se tirar esta conclusão. Elle mesmo a formúla: « Os povos buddhicos podem ser sem injustiça, considerados povos atheus. » Tiele, no *Manuel de l'histoire des religions*, escreve o seguinte a proposito do buddhismo: « Sem negar, pelo menos no principio, a existencia dos dévas, colloca cada buddha acima d'elles, como os brahmanes faziam com os ascetas; mas dá um passo

mais e subordina mesmo o *Brahma* supremo a um santo perfeito.» ¹ Letourneau tambem diz que o buddhismo tem por principio o atheismo. «Com effeito, escreve elle, o buddhista não reconhece um Deus pessoal. Declara renunciar á investigação das causas primarias, querer sómente ligar-se aos phenomenos. No universo não admite senão um principio material, dotado de uma força motora e existente por si mesmo. O fim a que aspira, o sonho que quer realisar por qualquer preço, é sahir para sempre do circulo da existencia, fugir á dura necessidade da transmigração, aniquilar-se no repouso absoluto, no *Nirvana*.» ² O *nada*, a não existencia, é o supremo bem para os sectarios do Buddha. Tudo o mais nada significa para elles. Noção da divindade não a têm, nem reconhecem a necessidade de a adquirir, de a formular. São atheistas, na accepção usual da palavra, e estendem-se pela India, Tibet, China, Indo-China, Japão, Ceylão, etc., elevando-se a 250 ou 300 milhões, isto é, uma terça ou quarta parte do genero humano! Não são estes sómente os povos, que, possuindo uma religião mais ou menos perfeita, e tendo attingido um estado de civilisação bastante avançado, não têm no entanto, a noção de Deus, e mesmo alguns nem sequer a palavra com que se possa exprimir semelhante ideia. Os Chinezes, os Tartaros, e os Mongoes, segundo Abel Remusat, encontram-se n'este caso, isto é, quasi toda a raça mongolica. «Procurar-se-hia em vão a ideia de Deus nos preceitos moraes formulados por Confucio e mesmo no Chou-King.» ³

Se estes povos, n'um estado relativamente avançado, não possuem a ideia de Deus, apesar de terem uma religião bastante desenvolvida, que admira que entre muitas tribus selvagens não se encontrem vestigios da crença na divindade? E não é insignificante o numero das tribus que estão n'este caso, tanto na America, como na Australia e na Africa. Citaremos alguns exemplos d'entre a somma enorme de provas accumuladas por varios escriptores. ⁴ Comecemos pelos povos americanos no tempo da conquista. Ercilla no seu poema *La Araucana* suppõe atheus os Araucanos; não rendiam culto a Deus, nem tinham templos, nem idolos, nem sacrificios, nem offertas para o Creador do Universo; temiam, porém,

¹ Ob. cit. p. 139.

² *Science et Materialisme*, p. 370.

³ Letourneau, ob. cit. idem.

⁴ Cf. entre outros: Letourneau, *Science et Materialisme* e *La Sociologie*. — J. Lubbock, *L'homme prehistorique* e *Les origines de la civilisation*. — Hovelacque, *Les Débuts de l'humanité*. Vid. tambem os nossos *Ensaio sobre a evolução da humanidade* de p. 86 a 89.

Pillan, author do raio, e *Huscouu* o causador das enfermidades e da morte. ¹ Certamente era já um começo de religião no primordial estado de fetichismo. Os Fuegios tambem não possuíam templos, altares ou idolos, ignorando-se mesmo se faziam uma ideia de Deus; algumas superstições indicam-nos, comtudo, que estavam n'um grau atrazado de fetichismo. ² Os Patagonios, os Charruas, os Payaguas, os Tobas, etc. etc. ³ achavam-se em identicas circumstancias; não adoravam qualquer divindade, nem tinham signaes exteriores de um culto systematico; os Patagonios, porém, temiam o genio do mal, a que chamavam *Achekenat-kanet*, e que afugentavam com esconjuros. Os Puelches das margens do Rio de la Plata tambem não prestavam o minimo culto ao genio do bem; temiam Hualichu, o genio do mal, para quem reservavam os seus sacrificios. ⁴ Os Chiquitos limitavam-se a crêr que a origem de todos os infortunios e contratempos eram certas influencias maleficas. ⁵ Robertson escreve: « Descobriram-se varias tribus na America que não têm alguma noção de um Sér supremo, nem alguma cerimonia religiosa... A maior parte nem sequer possuie palavra na sua linguagem para exprimir a ideia da divindade, e os observadores mais perspicazes não poderam descobrir alguma pratica, alguma instituição que lhes deixasse suppôr que estes povos reconheciam a autoridade de um Deus ou tinham desejos de attrahir os seus favores. » ⁶

Modernamente muitos viajantes têm confirmado o atheismo inconsciente dos indigenas americanos com factos irrecusaveis. Os Fuegios, quando foram visitados por Darwin, ainda estavam como no tempo da conquista da America; o distincto naturalista diz que não ha razão para crêr que elles pratiquem qualquer cerimonia religiosa; cada tribu tem no entanto um magico cujas funções nunca pôde definir. ⁷ Ross diz dos Esquimós da bahia de Baffin, que não têm algum culto, algum idolo, alguma ideia de Deus ou da alma. ⁸ Os Esquimós da Groenlandia, segundo Chantz ⁹, não têm religião, nem culto idolatrico, nem qualquer cerimonia que d'isso

¹ Pi y Margall, *Hist. general de America*, p. 492.

² Ob. cit., p. 508.

³ Ob. cit., p. 515, 526, 532, 537, etc.

⁴ Ob. cit., p. 521.

⁵ Ob. cit., p. 532.

⁶ *History of America*, iv, 122. Lubbock, *Orig. de la civil.*

⁷ Darwin, *Voyage autour du monde*, p. 231.

⁸ *Voyages au pôle Nord*, apud Letourneau *Science et mat.*, p. 372.

⁹ *Histoire du Groënland*, apud idem.

se aproxime. Os Indios do Gran Chaco, como referem os missionarios, « não têm alguma crença religiosa ou idolatrica, um culto qualquer. Nenhuma ideia de um Deus ou de um sêr supremo. Não distinguindo o bem do mal, vivem sem temor do castigo e sem esperança de recompensa no presente ou no futuro. Não ha tambem n'elles o temor mysterioso de um poder sobrenatural, que queiram apaziguar por sacrificios ou ceremonias supersticiosas.»¹ Os indigenas do Brazil tambem não criam na existencia de Deus, segundo Jean de Léry, Spix e Martius, Bates e Wallace. Dobritzhoffer affirma o mesmo ácerca de algumas tribus do Paraguay.²

O padre Baegert occupando-se dos indigenas da California antes de conhecerem o christianismo, diz: « Não tinham magistrados, nem policia, nem leis, *nem idolos, nem templos, nem culto, nem ceremonias religiosas*; não conheciam o verdadeiro Deus, *nem mesmo adoravam falsas divindades...* Interroguei por todas as fórmas aquelles com quem vivia para saber se elles tinham alguma ideia de um Deus, de uma vida futura, da existencia da alma, mas não pude descobrir o menor traço de semelhantes conhecimentos. A sua linguagem não tem palavras para exprimir *Deus* ou *alma*.»³ Hearne que conhecia muito bem os selvagens da Virginia affirma que as tribus mais grosseiras não tinham religião alguma. O reverendo Farrar assevera tambem que se tem observado frequentes vezes a ausencia de ideias religiosas entre os Australianos. Esta asserção é confirmada por innumerados exploradores, que declaram formalmente não se encontrar na Nova Hollanda a ideia de Deus, nem o menor traço de um culto ou de uma religião. D'estes indigenas diz Brough Smyth:⁴ « Não só não possuem palavra alguma para designar um bom espirito, mas ainda, antes da chegada dos brancos, nenhum d'elles fazia ideia do que podesse ser qualquer idolatria.» Aram, que esteve varios annos na Australia, no cabo York, affirma egualmente que abi os indigenas não têm religião.⁵ O reverendo T. Dove diz que os Tasmanianos não tinham palavra para designar o creador.⁶ Os Mincopios ou Andamanitas segundo refere Manat, tambem não fazem ideia alguma de um sêr supremo,

¹ *The voice of pity*, t. ix, apud Lubbock e Letourneau.

² Lubbock, *L'homme prehistorique*.

³ Idem, *Les origines de la civilisation*. (Smithsonian Trans. 1683-4, p. 390).

⁴ *The aborigenes of Victoria*, II, 267, apud Hovelacque, *Les Débuts de l'humanité*, p. 88.

⁵ *Bulletins de la Société d'Antropologie*, 1868.

⁶ *Journal orient. de la Tasmanie*, apud Letourneau, *Sc. et mat.*



não têm culto de especie alguma, nem sequer suspeitam da existencia de Deus. Estão em caso identico os naturaes das Molucas e da Nova Guiné; Wallace, que viveu entre elles bastante tempo, duvida que possam comprehender a ideia de Deus. Sir J. Emerson diz que os Veddahs de Ceylão não têm idolos, nem altares, nem culto, nem orações, nem religião, nem o minimo conhecimento da divindade. Bailey confirma este facto.

Na Africa os atheus não são mais raros. Entre os Latukas reina a maior impiedade, o mais completo atheismo. ¹ Livingstone confessa claramente que a ausencia de idolos e de ideias religiosas é um phenomeno psychico commum aos Buschmen e aos Cafres Bechuanas. ² O missionario Moffat confirma esta asserção, dizendo que os Bechuanas não possuíam a ideia de Deus, nem a de vida futura. Livingstone, referindo-se aos Cafres propriamente ditos, avança que entre elles não ha idolos, nem culto, nem sacrificios, nem cousa alguma que lembre a ideia de Deus ou de religião. ³ Van der Kemp notou tambem que estes povos não fazem a minima ideia da existencia da divindade; nos seus dialectos não ha expressões que designem Deus. « O demonio, escreve Moffat, que seduziu a grande maioria da raça humana com uma variedade innumeravel de falsas divindades, chegou ao mesmo resultado a respeito dos Bechuanas, dos Hottentotes e dos Buschmen, arrancando do seu espirito todo o vestigio de impressão religiosa, não lhes deixando um só raio de luz para alumiar as suas trevas, uma só cadeia para os ligar ao céu... » ⁴ Os nossos exploradores Capello e Ivens affirmam egualmente que a ideia de attribuir ao negro « uma noção sobre o Creador, *façonné* um pouco á maneira da nossa, é illusoria. O negro não tem semelhante noção. » Livingstone, segundo elle proprio refere, não conseguiu em dez annos de predica metter na cabeça de um indigena africano a ideia de Deus. ⁵ Samuel Baker, o explorador das fontes do Nilo, refere que os naturaes do Ounyoro não têm alguma ideia de Deus, nem da vida futura, não adoram coisa alguma. Entre os Obbos, visinhos d'estes, tambem nunca brotou uma concepção sobrenatural. ⁶ Os Hottentotes Korannas, segundo Thompson, antes da vinda dos mis-

¹ Letourneau, *La sociologie*, pag. 270, *Science et mat.*, pag. 314.

² Idem, ob. cit., pag. 126.

³ Idem, ibidem, pag. 379.

⁴ *Vingt trois ans dans le sud de l'Afrique*, apud ob. cit., pag. 375.

⁵ Bertillon, *Bull. de la Societ. d'Antrop.*, 1860, 334.

⁶ Letourneau, ob. cit., pag. 373.

sionarios não tinham ideias de um deus onnipotente, de penas e de recompensas eternas, de uma outra vida, etc. ¹

O missionario Moffat, já por nós citado, e que é decerto uma authoridade insuspeita, escreve: « Um obstaculo importante, digno de menção ao tratar-se do sul da Africa, é a ausencia completa de ideias religiosas. Vanderkemp, nos seus relatorios ácerca dos Cafres, já havia notado que este povo não tem alguma ideia da existencia de Deus, e que a sua lingua não tem mesmo palavra para exprimir a ideia da divindade; o pequeno numero de individuos que havia bebido algumas noções religiosas, nas suas relações com as nações visinhas, chamava-lhe *thiks*, termo que é uma corrupção d'aquelle pelo qual os Hottentotes designam Deus e que significa litteralmente — *o sêr que faz mal.* » ² Quando se occupa dos Betchuanas acrescenta: « Muitas vezes procurei descobrir alguma ideia religiosa que me dêsse acesso junto dos indigenas; mas nenhuma noção d'este genero havia atravessado em tempo algum o seu espirito ³ ». Este testemunho é valiosissimo por partir de um ecclesiastico, isto é, de quem teria mais interesse a evidenciar por factos inabalaveis a universalidade da crença em Deus. Como temos visto não está isolado; com elle fazem côro innumerados missionarios, quer catholicos, quer protestantes, que antepõem a todas as conveniencias a narração simples da verdade.

« Não ignoro, escreve ainda o missionario Moffat, que é uma opinião espalhada geralmente, que o homem é um sêr religioso; e que em toda a parte onde elle se encontra, se acha tambem a ideia da existencia em Deus... Eis o que eu proprio pensava quando deixei a minha patria; estava persuadido que podêsse descobrir alguns raios de luz natural, alguma ideia de um sêr divino, mesmo entre os selvagens mais barbaros; esperava sempre encontrar alguma cousa de analogo á nossa fé entre aquelles mesmos onde não percebia traço algum de templo, de idolo ou de altar. Quando não era feliz, attribuiu este resultado á minha ignorancia da lingua e á insufficiencia dos interpretes. Tal era em mim a força d'esses antigos preconceitos, que foi preciso uma longa experiencia para me convencer que a minha opinião sobre este assumpto era completamente erronea. No entanto tive de ceder á evidencia dos factos, que são, como já alguém disse, os mais obstinados de todos

¹ Idem, ibidem, pag. 373.

² *Vingt ans de séjour dans le sud de l'Afrique*, pag. 165, apud Hovelacque, *Les Debuts de l'humanité*, pag. 163.

³ Idem, ibidem.

os argumentos, ainda que nem sempre arrastem a convicção. Um dia em que eu pedia a M. Campbell a sua opinião sobre este assumpto, por occasião de um Namaquez convertido nos haver exposto longamente as suas antigas ideias religiosas, respondeu-me na sua linguagem pittoresca: Ah! senhor, em Inglaterra não querem crêr que os homens se possam tornar como porcos, comendo as bolotas que encontram debaixo da arvore por não saberem olhar para cima, d'onde ellas cahiram. As pessoas que adormeceram no berço embaladas com as canções christãs e que sugaram o conhecimento de Deus com o leite de sua mãe, imaginam que todos devem pensar como ellas ¹ ».

Deixamos aqui accumuladas bastantes provas que evidenciam a ausencia de ideias religiosas entre grande numero de tribus selvagens. Os factos fallam por si e dispensam todos os commentarios. Assim fica destruida radicalmente a proposição espiritualista da universalidade da crença em Deus.

(Continúa).

TEIXEIRA BASTOS.

¹ Idem, pag. 167 e Hovelacque, ob. cit., pag. 307, nota.

CARTAS GEOGRAPHICAS E DESCOBRIMENTO DO ZAIRE

(PROCESSOS NOVOS E DOCUMENTOS VELHOS)

(Continuado do n.º 3)

Verum, verum, verum.

Sejamos rapidos para chegar mais depressa á critica *pela cartographia* do nosso descobrimento do Zaire, e para não cançar o leitor repetindo coisas que elle pôde e deve ter visto no *Memo-randum* da Sociedade de Geographia de Lisboa sobre a questão do Congo, que ora corre com geral applauso todos os gabinetes da Europa, e que eu não pude vêr.

Quando em 1484 Diogo Cam passou na Costa Occidental d'Africa o Cabo de Santa Catharina, descobriu mais ao sul um rio de grande força, em cuja margem esquerda e perto da embocadura elle collocou um padrão ¹, que deu nome ao rio, chamado pelos indigenas Zaire ou N'zare. Como não tivesse na sua equipagem pessoas que entendessem a lingua do paiz, Diogo Cam deixou ficar em refens do rei do Congo alguns homens seus, conta o João de Barros, para de lá poder trazer para Portugal alguns indigenas, aos quaes ensinou durante a viagem a fallar portuguez, estudando a lingua d'elles, e promettendo voltar no prazo de quinze luas.

¹ Veja o leitor sobre a historia d'estes padrões o magnifico *Roteiro da Costa d'Africa* pelo snr. Alexandre de Castilho, assim como umas observações feitas por Mr. Codine no Boletim da Sociedade de Geographia de Paris.

Terminado este, Cam voltou á Africa, passou duzentas leguas ao sul do Zaire, levantando dois padrões: um no Cabo Santo Agostinho, outro n'uma ponta a que chamaram manga das Aréas, hoje conhecida pelos inglezes como *Cape Cross*.

Quando regressou d'esta viagem ao sul, visitou pessoalmente o rei do Congo, a quem convenceu da utilidade de aceitar o baptismo christão. Este rei depois, requereu que lhe mandassem padres de Portugal, e enviou alguns indigenas com um de nome Caçuta, que foi baptisado em Portugal com o nome de João da Silva por ter tido como padrinhos D. João II e Ayres da Silva seu camareiro-mór.

As embaixadas, as relações diplomaticas ¹, os testemunhos de amizade começaram por 1488, baptisando-se alguns indigenas em Portugal em 1490 e depois em Africa em 1491.

Em 1490 mandára el-rei que os levassem para o Congo.

A armada, que se compunha de tres navios, partiu a 19 de dezembro de 1490 levando padres para a missão do Congo, aviados pela Congregação de S. Eloy, indo por maioral frei João da Ordem de S. Domingos e por immediato um Frei Antonio. O commandante da esquadilha era Gonçalo de Sousa, que morreu em Cabo Verde, passando o commando a seu sobrinho Ruy, que chegou ao Congo em março de 1491, subiu o rio Zaire e foi muito bem recebido por um tio do rei do Congo, *mani-Sono* ou rei de Sono, que se baptisou no dia da paschoa, 3 de abril de 1491, com o nome de Manuel por assim se chamar o irmão da nossa rainha, tomando igual sacramento um filho do *mani-Sono*, que ficou com o nome de Antonio.

A nossa influencia era já tal que pouco tempo depois, e em grande cerimonia, foi o rei acceso em impetos catholicos destruir e mandou queimar os idolos indigenas.

Convidado pelo rei do Congo a visital-o á capital *Ambassi Congo*, foi Ruy de Sousa para o interior a 20 legoas da costa até a alcançar, sendo muito bem tratado pelo rei e pelos mais graduados dos seus subditos. Alcançou licença para a construcção de uma egreja, e tão rapidamente andaram os nossos que a concluíram em menos de um mez — de 3 de maio a 1 de junho. Realisou-se depois a cerimonia do baptismo do rei e de grande numero de indi-

¹ Veja-se a curiosissima *Historia do Congo* (documentos) publicada pela Academia Real das Sciencias, e formada pelo benemerito e pacientissimo erudito Visconde de Paiva Manso, contendo cartas trocadas entre os reis de Portugal, do Congo e o Papa, tratados, communicações, etc.

genas, tomando o *Mueine* ou *Mani-Congo* o nome de João, e a rainha o de Leonor como os reis portuguezes.

Esta cerimonia do baptismo feita com grande concurrencia de naturaes, foi apressada pela circumstancia de ter vindo conhecimento de uma revolta de povos sujeitos ao Congo. Diz Barros: «e porque quasi em chegando os nossos, veio nova a el-rey que os povos Mundequetes, que estão em certas ilhas, *que estão em um grande lago d'onde sae o rio Zaire*, que corre por este reino do Congo, eram rebellados e faziam grande damno em as terras a elle comarcãs, a que cumpria acudir. El-Rey em pessoa: foi causa que se baptisasse El-Rei, não com aquella solemnidade que elle tinha ordenado, depois que a igreja fosse feita...»

N'este viagem foram, é claro, sacerdotes e alguns dos nossos. Depois começaram as missões, especialmente de jesuitas e dominicanos.

Ao voltar porém á cidade, Ruy de Sousa partiu para este reino deixando ao rei do Congo para conversão dos povos negros a frei Antonio, que era a segunda pessoa abaixo de frei João, e outros quatro frades e assim alguns leigos para os acompanharem, e outros para *entrarem o sertão da terra com alguns* como El-rey Dom Juam *mandava para descobrir o interior d'aquelle gran reino e passarem além do grande lago que dissemos.* (Barros).

Tendo morrido pouco depois D. João rei do Congo, succedeu-lhe no governo seu filho D. Affonso, ao qual, conta o nosso Tito Livio, «nosso Senhor deu tanta vida n'aquelle estado real, que reinou cinquenta e tantos annos e falleceo em idade de oitenta e cinco & em todo o tempo depois que recebeu a fé té o ultimo dia de sua vida, mostrou, não sómente virtudes de christianissimo principe, mas ainda exercitou officio d'apostolo: pregando e convertendo per si grande parte do seu povo zelando tanto a honra de Deus que n'este exercicio empregou o mais de sua vida. E para melhor exercitar este officio de pregador, apprehendeo a ler a nossa linguagem, & estudava per a vida de Christo e seus Evangelhos, vidas dos Santos & outras doutrinas Catholicas que elle, com alguma insinança dos nossos sacerdotes, podia apprehender declarando tudo áquelle seu barbaro povo. Mandou tambem a este Reyno de Portugal, filhos, netos, sobrinhos, e alguns moços nobres apprehender lettras não sómente as nossas, mas as latinas & sagradas: de maneira que de sua linhagem ouve já n'aquelle seu reyno dous Bispos, que exercitando seu officio servirão a Deus & *deram contentamento aos Reys d'este reyno, de Portugal, a cujas despesas todas estas obras eram feitas...*»

Em 1509 manda D. Manuel uma formula para assignatura do rei do Congo com a seguinte indicação: «Este he o synal que pa-

rece a El-rey nosso senhor que El-rey de Manicongo deve fazer assignar d'aquí por diante.»

Em 1512 a nossa tutela é manifesta e ha já, de parte do rei do Congo, como que o reconhecimento tacito da nossa suzerania. N'este anno mandou D. Manuel a D. Affonso rei do Congo Simão da Silva, fidalgo da casa real:

«... E porque, quando a semelhantes pessoas, assim nós como os outros principes e reis christãos, enviamos huns aos outros, he costume levarem nossas cartas pelas quaes são cridos em tudo o que de nossa parte lhe mandamos fallar áquelles, a quem os enviamos, nos fallamos com o dito Simão da Sylva toda nossa vontade acerca da sua ida a vós, e o que queremos que em sua estada lá faça EM VOSSAS COUSAS assim n'aquellas que tocarem a paz, como a guerra, como tambem na justiça e governança de vossos reinos e senhorios, pera o que NOS ENVIASTES PEDIR QUE VOS ENVIASSEMOS HUMA PESSÓA. Muito vos rogamos que o ouças e lhe deis inteira fé e crença em tudo o que de nossa parte vos disser e fallar, assim como o farieis se por nós vos fosse dito e fallado...»¹

Tendo morrido Simão da Silva já no Congo, foi esta carta entregue por Alvaro Lopes, feitor que ia no navio *Gaio* enviado para lhe succeder.

Em 1512 publica o rei do Congo o seguinte curioso manifesto, de que só damos extractos, que é apresentado por Damião de Goes² como o traslado verbo a verbo da carta de D. Affonso.

«Porque n'este tempo presente, e em todos os vindouros até fim do mundo seja a todos sabido e manifesto, as obras e amerecimentos que o todo poderoso Deos nosso Senhor fez sobre nós D. Affonso, por sua graça Rei de Manicongo e senhor dos Ambundos, notificamos e fazemos notorio a todos os que agora vivem, e pelos tempos adiante vierem, assim nossos vassallos e naturaes de nossos regnos e senhorios, como a todos os reis, principes e senhores e gentes nossos visinhos e comarcãos, que sendo nos tempos passados estes nossos regnos e senhorios descubertos pelas gentes dos regnos e senhorios de Portugal, assim em vida d'El-rei D. João II rei dos ditos regnos, como agora em especial em tempo do mui alto e muito poderoso Rei e Senhor D. Emanuel Rei dos ditos regnos e senhorios de Portugal...» Conta aqui como venceu seu irmão revoltado, e prosegue: «e visto pelo dito senhor Rei de Portugal, co-

¹ Damião de Goes — *Chronica de D. Manuel*, parte III, cap. 37, 1619.

² Loc. cit., cap. 38.

mo isto era obra digna de perpetua lembrança, e de que todo o bom exemplo se podia seguir em toda a parte, em que se soubesse para maior acrecentamento de nossa Santa Fé Catholica, e *tambem para nosso louvôr*, entre outras muitas cousas que pelo dito D. Pedro nosso primo nos enviou, e por Simão da Sylva fidalgo de sua casa, que com elle a nós vinha, nos mandou as armas n'esta carta pintadas para as trazermos em nossos escudos por insignias... As quaes armas, assi pelo dito senhor Rei de Portugal a nós enviadas, com muita devoção e com muito acatamento recebemos de Deus Nosso Senhor, e como mercê mui em especial por *meo do dito Senhor Rey de Portugal que nos envia, a quem muito os tivemos e temos em mercê, e com obrigação de verdadeiro e fiel irmão em Christo Jesu, e meu fiel amigo* EM TODO O TEMPO LH'O RECONHECEMOS, EM TUDO O QUE DE NÓS E DE NOSSOS REGNOS E SENHORIOS MANDAR, E COMO TAL SE CUMPRIR *no que se offerecer por elle*, E POR SUAS COUSAS MORREREMOS pela infinda obrigação em que lhe somos... E as ditas armas rogamos, encomendamos e mandamos por nossa benção a nossos filhos, e a todos os que de nós descenderem que até o fim do mundo sempre tragam... »

Como se vê a vassallagem é clara, é manifesta a submissão, comquanto não esteja ainda positivamente reconhecida a nossa posse, embora seja publica a obediencia á nossa authority.

Ha outro decreto sobre o mesmo assumpto publicado pelo erudito Cunha Rivara no *Panorama* ¹, e reproduzido por Levi Jordão na sua *Historia do Congo*, que pouca differença faz d'este.

Em carta de 5 de outubro de 1514 pede o rei do Congo a D. Manuel conselhos sobre coisas do seu governo, padres para ensino e propagação da religião, rogando a El-rey que o não desamparasse.

Em outra de 31 de maio de 1515 insiste no mesmo pedido e roga lhe mande pedreiros e carpinteiros para uma escola que pretendia fazer.

Em 1516 considerava-se já o rei do Congo *como vassallo de Portugal* em declaração no documento de 5 de março, confirmada depois em carta de 25 de maio do mesmo anno pelo clérigo Ruy de Aguiar, que D. Manuel mandára para o Congo como vigário ².

Com este Aguiar, que levantou uma igreja na villa de Sono com a invocação de Santo Antonio, iam Antonio Vieira e Balthasar de Castro, creados d'El-rey.

¹ Anno de 1840, pag. 110.

² V. *Historia do Congo* cit.

Quatro annos depois, conta Damião de Goes, é enviado Gregorio de Quadra ao Congo *para ir d Abyssinia atravessando o continente*, pelos seguintes motivos :

«... D'onde veio a este reino em 1520, o qual deu tão boa razão a D. Manuel do que vira e passara e informações que tinha das pessoas com que tivera pratica, o tempo que fôra cativo e se contra-fizera religioso, tanto das cousas da provincia da Arabia como da Ethiopia, onde domina o precioso João Rei e imperador do Abexi, &c, e de um grande lago que ha nas suas terras d'onde se diz que sae o Nilo, o Zaire e outros grandes rios, que El-rey por se lhe offerecer a isso, o mandou ao regno de congo *pera d'ahi ir por terra dquelle lago* e d'elle á corte do rei d'Abexi... Partido Gregorio da Quadra de Lisboa o navio em que hia foi ter á barra do rio Zaire que rega boa parte do regno do Congo : e é um dos môres que se sabe em todo o mundo ¹, porque corre tantas provincias e é tão largo na boca em que sae ao mar, que d'uma banda a outra se não vê a terra... »

Foi depois bem recebido pelo rei *Mobemba Amosinga* (em lingua indigena), a quem entregou as cartas de D. Manuel, não podendo comtudo cumprir o que se lhe ordenára, *pois que só penetrou no sertão sessenta leguas*, por intrigas que lhe levantou a estupidéz de patricios cobardes e a cobardia d'um rei estupido.

Por este tempo, digamol-o aqui de passagem, começa a ambição estrangeira a sentir pruridos de estender a mão impaciente para o que era nosso, com a intenção innocente, se entende, de nos não roubar. Felizmente, que havia mais brio n'esse tempo, vieram em deshonrosa debandada ao nosso porto esquadras estrangeiras adiante das nossas, e com sequestro immediato ² !

Em 1526 em carta de 18 de março pede o rei do Congo ao nosso 50 padres para missões, sendo uns para acompanhar seu filho bispo d'Utica e outros para serem distribuidos pelos seus senhorios Sundy, Bamba, Banta, Huembo, Panga e outros.

Em 1526 continuam em Africa as diligencias para descobrir as origens do rio Zaire, subindo-lhe o curso; diligencias de que nos dá informação Balthazar de Castro, que viveu muito tempo no interior d'Angola.

Este documento, que é curioso e de que até hoje se não

¹ Esta asserção ousadissima para aquelle tempo é verdadeira ainda hoje.

² Damião de Goes; Paiva Manso; Francisco d'Andrade — *Chronica de D. João III*, 1613, cap. xiii da i parte. Luiz de Sousa — *Chronica de D. João III*, 1632, cap. ix, etc.

achou a cópia exacta e completa, encontra-se na Torre do Tombo, onde o lemos (Gav. 20, Maço 4, n.º 21) e tem o seguinte titulo:

« Carta de Balthazar de Castro dando conta a El-Rey Dom João 3.º livral-o El-Rey de Congo do Captiveiro, em que o tivera Angola, e que mandára a este um homem secular e um clérigo para o fazer Christão, o qual depois de o ser, se tornára Mouro pela má conducta do mesmo secular; pedindo ao dito Senhor o protegesse com o dito Rey do Congo a fim de o encarregar do descobrimento que pretendia fazer no seu rio », etc.

Diz o manuscrito: « Senhor. Balthazar de Crasto Reposteiro da Camara e Cama que fui d'El-Rey Vosso Pay que Santa Gloria aja, faço saber a Vossa Alteza que El-Rey do Conguo me tirou de catyvo de poder d'Anguola, vym ter a esta cidade ho derradeiro dia do mez de Setembro de mil quinhentos vinte seis e El-Rey me deo vestir que vinha nu e aqui achei nova que minha fazenda era tomada ou embargada per Vossa Alteza e s'asym he foy por falsa informação que n'aquillo em que me El-Rey Vosso Pae encarregou eu ho servi com muita verdade e lealdade do que eu esperava muita mercê porque a merecia e mereço como farei certo. Anguola matou ho Enbaixador que lá foy a Vossa Alteza como e o porque em algum tempo ho saberá Vossa Alteza. A minha detença em Conguo he porque El-Rey de Conguo mandou hum homem Anguola pera que me tirasse e hum clérigo pera o fazer Cristão, foy-o e depois socederão cousas que deixou de o ser, as quaes Vossa Alteza saberá pelo tempo onde tudo se tornou a perder como diguo e assy se tornou e me fez ficar a mim e eu escrevy ho que se passava a El-Rey do Conguo e que tivesse este homem até que eu vyesse e El-Rey fel-o assy; eu tive maneira pera sahir e chegando a esta cidade, tinha este homem dado fama de mim que heu era Mouro e outras cousas, e achei fama que elle dizia que vira Seras de prata na terra d'Anguola e pedras e outras cousas, as quaes eu em seys (annos ou mezes?) que na dita terra estive não vy, porque ho que eu da terra soube e o que n'ella ha, isso escrevi por Manoel Pacheco quando me n'ella deixou e isso ay aguora e no mais assy que foi necessario tirar-se isso tudo a limpo pelo qual começamos demanda, a qual acabada e tudo tirado a limpo me parece que El-Rey de Conguo me deixará ir e mandará a certeza a Vossa Alteza de tudo e *porque El-Rey do Conguo me parece quer pôr em hobra descobrir o que ha per este seu Rio acima e tem muita certeza de se poder navegar e o al que El-Rey mais tem sabido e creio o escreve a Vossa Alteza, pelo qual peço a Vossa Alteza escreva a El-Rey do Conguo que m'o encarregue este descobrimento* porque me parece que se me na mão cayr e eu o tirar a lipo como Vossa Alteza verá, pois á tantos annos que isto

está cegu e se he algũa cousa sabersá, e se não he nada que se saiba no que receberei mercê. Anguola se queixa muito do Barão e de Dom Pedro de Castro e quando lhe vem a vontade tambem diz de... Escripta a quinze de 8^{bro} de 1526. Nosso Senhor accrescentando a bida e Real Estado a Vossa Alteza. Balthazar de Castro.»

Passemos sobre este documento porque esta resenha é forçosamente rapida, e mostremos um outro igualmente importante.

Em 1536, e não em 1537 como disse um escriptor distincto, Manoel Pacheco homem de illustração, em carta a El-Rey trata do lago onde nasce o Zaire.

Esta carta que lemos na Torre do Tombo onde se acha archivada (Gav. 20, Maç. 5, n.º 24), tem o seguinte titulo: « Carta de Manoel Pacheco dando parte a El-Rey Dom João 3.º mandára El-Rey de Congo sair para fóra de seu Reyno todos os Sacerdotes que n'elle estavam sem licença do Bispo de S. Thomé. Que o dito Rey de Congo lhe conferira o Cargo de seu Ouvidor. Que o mesmo Rey ficára receoso com a chegada de Ruy Médes Feitor das Minas de Cobre, com os Fundidores, entendendo que lhe tomavão o Reino », etc.

Segue o documento: « Senhor. N'este reyno de Conguo me foi dada huma Carta de Vossa Alteza pera El-Rey do Conguo e outra em que a mim mandava que lhe fizesse lembrança que logo mandasse hir de cá alguns sacerdotes que cá estavam impedidos de consciencia por andarem sem licença do Bispo de San Thomé, em especial hum mestre Gil, a qual carta de Vossa Alteza, El-Rey de Conguo recebeu e viu toda e depois de lida, notificou ao dito Mestre Gil e a outros o que Vossa Alteza lhe escrevia a que todos obedeceram; sómente o dito Mestre Gil que quiz trabalhar isso que pede de se não ir, que foi necessario por Vossa Alteza em sua carta me assi mandar, apertar com elle de maneira que ho fiz ir bem contra sua vontade e lá Senhor vae; e porque elle é homem que no exemplo da vida e obras que cá fazia mostrava temer pouco a consciencia, não averei por muito, por este descontentamento que de mim leva, arrezoar contra miãa honra ante Vosa Alteza ou ao Bispo, e por causa de minha ausencia lho faço assim a saber; e bem assim Senhor, n'estas cousas da criação d'esta nova Christandade e nas vidas dos sacerdotes que cá ficam e ao diante vierem, ha grande necessidade Vossa Alteza muito encommendar ao Bispo que em suas vidas proveja de maneira que no aquerir e castidade tenham corregimento, porque he a cousa que cá maior turbação faz. Já, Senhor, por outros fiz saber a Vossa Alteza, que huma das principaes cousas porque me El-Rey de Conguo cá deteve e me não quiz dar licença para loguo me tornar, foi dizer-me que queria mandar fazer dous *Bragantis* acima d'aquella quebrada que o rio tem PERA EU DAR

AVIAMENTO A SE D'ALLI IR DESCOBRIR O LAGUO; e depois que cá me teve, durando a demora de certosapparelhos e cousas para elle necessarias que tinha mandado pedir a Vossa Alteza, *me occupou carreguo de seu Ouvidor por bem da Alçada que Vossa Alteza LHE TEM CONCEDIDA, o que Senhor aceüey por me parecer serviço de Deus e de Vossa Alteza, assi por SUSTER ESTA POSSE DE SUA JUSTIÇA como por outros serviços que cada dia faço, como Vossa Alteza de Affonso de Torres e do Feitor e officiaes pode saber, assi em conservar os homens que cá andam em justiça e negociaçã do trato como no bom despacho dos navios, que não vem tantos que não fique sempre carregua sobeja no Porto que em cinco annos que ha que cá estou NUNCA DECEU NENHUM ANNO de quatro, cinco mil peças afóra muitos enfindas que morrem por mingua d'embarcação; e bem assim fiz pôr em arrecadação muitas fazendas de defuntos que cá fallecerão, e as tenho passadas á Ilha de S. Thomé e entregues ás justiças de Vossa Alteza para d'ahi se darem a quem pertencerem; e bem assi nas cousas da guerra em que tambem El-Rey me algũas vezes manda a socorro tenho ajudado a restaurar este Reyno polas muitas guerras que lhe fazem Infleis, o que ha cinco annos que faço e sirvo sem premio algum, nem quero mais que saber Vossa Alteza que o sirvo e faço aquillo que a seu Real Estado devo por ser seu. Tambem faço saber a Vossa Alteza como a este Reyno chegou hum Ruy Mendes que se dizia vir por Feitor das minas de cobre com certos fundidores; e como quer El-Rey de Conguo he tam suspeito como ouvio dizer que vinha hum Feitor com homens e fundição parece-lhe que já o Reyno lhe era tomado e as minas, e tudo, de maneira que mostrou pezar-lhe de vir Feitor, E DISSE QUE ELLE BASTAVA PARA SER FEITOR DE VOSSA ALTEZA. Todavia aqui em sua corte, dentro em seus Paços mandava fazer fornalhas e assentar tendas honde se fundiu a véa sobre que lá escreveo a Vossa Alteza e lhe tem lá mandado amostra assi do que se fundio como da véa, o que nos parece ser aço; e depois d'isto tâtas vezes lhe alembrei e lhe puz em razão ho caso, que assentou mandar os fundidores ás minas de cobre, e assi a ver huma mina de chumbo com um fidalgo seu; não sei que recado trará, *seu desejo he folgar ter com que sirva Vossa Alteza e porem está tão medroso de ouvir dizer que Vossa Alteza assenhorea a India, e que honde ha ouro ou prata alli manda logo fazer fortalezas qui algũas mo tem dado em resposta ao que lhe requero. Ao presente não ha mais de que fazer saber a Vossa Alteza por das cousas de trato dos escravos eu escrevo Senhor cada anno meudamente Affonso de Torres e ao Feitor e officiaes o que a isso cumpre que he mandarem cá muitos Navios e os Pilotos e Marinheiros que não sejam mercadores. Tem El-Rey do Conguo aguora já madeira**

lavrada para dois Braguantis e dá-me muita esperança que este anno se ha-de fazer o descobrimento do lago, não sei o heffeito que haverá; não poderei mais esperar Senhor cá que este anno porque se agora ho não faz, nunca o ha-de fazer. Fico rogando a Deus que a vida e Real Estado de Vossa Alteza a seu santo serviço prospere. Escrita a vinte de março de 1536. Criado de Vossa Alteza — Manuel Pacheco. »

Transcrevemos este documento, com virgulação nossa, apesar de ser longo e fastidioso pela monotonia do estylo, porque nos mostra bem a importancia do commercio n'aquellas paragens, e confirma as relações do subdito a Senhor, entre os reis do Congo e Portugal já declaradas em cartas anteriores.

(Continúa).

CARLOS DE MELLO.

INFANTICIDA

(Conto)

Talvez conhecessem a Julia, aquella costureira franzina de Miragaya, romanesca, d'um temperamento nervoso facilmente irritavel, magrita, bellos olhos meigos á flôr do rosto, petulantemente vivos, e a bocca acerejada, onde poisava a abelha do sorriso, maliciosa e alegre.

— Uma pontinha de telha — diziam as outras — mas boa rapariga.

Ninguem como ella sabia fazer ranger o verniz d'umas botinas á Benoiton, nem tão pouco ninguem deixava cabir com mais elegancia a fluctuante capa de panno preto, com borlas phantasiosas, por sobre o vestido de chita clara, que a fazia parecer de longe uma enorme andorinha de bellas azas negras e cauda esbranqueada.

A Margarida, a tia fressureira, que todas as tardes se embebedava no armazem da Estrella, constituia-lhe a unica familia e por força d'esse vinculo era ella que absorvia os magros redditos do seu trabalho de costura, espancando-a ainda em cima, por favor, de vez em quando.

— Estava cansada e velha e a rapariga era nova, ... uma grande trabalhadeira para a crear, os seus peccados ... a mãe tinha morrido, quando ella era ainda um fedelho e sabia Deus quanto lhe custára pôl-a n'aquelle estado! ...

— E depois — accrescentava em largas eructações vinosas — a rapariga tinha um palminho de cara aceiado; muitas se mordiam de inveja ... que se arranjassem. — Porém a Julia:

— Isso não! era talvez um pouquinho leviana, romantica, divertida, gostando de rir com os homens; namorára já um estu-

dante da Academia e um sargento do *nove*; havia mesmo umas cartitas trocadas com um caixeiro dos Loyos... mas... ficára por ahí, não havia mais nada, ninguem lhe podia atirar com lama ao rosto: — Concluía, toda contente de si, a aristocratica mão esguia espalmada sobre o coração, como se fôra elle, o musculo ôco da economia, quem devêra carregar com a responsabilidade dos seus desvarios amorosos, insignificantes.

— Que realmente aquillo fatigava! uns ideaes frustrados; nem mesmo ella sabia, se fôra realmente amor o que sentira!

E scismava; tinha a consciencia de que a sua alma, onde borbulhava uma fresca exuberancia de sensações, como um rebento d'aguas que se espalha no largo azul, se embaciava lentamente nas vaporisações dissolventes da sociedade em que vivia, como a corrente limpida d'um arroio ao confluir nas aguas estagnadas d'um lago.

A sua sensibilidade, outr'ora tão viva, tão scintillante, tão vibratil, amollecia tepidamente agora na monotonia fatigante dos namoros successivos e deixava-se polluir, sujar, como um *Sèvres* finissimo esbonetado pelo uso das trivialidades caseiras.

Á noitinha, quando as clareações do gaz reverberavam nos crystaes das *montres*, vinha ao sahir da modista com as companheiras Clerigos abaixo, fallando muito, estouvadinha para com os lojistas conhecidos, analysando os finos estofos e os objectos caros e luzentes de *toilette*, que entornavam sobre o seu pobre espirito ambicioso desejos quentes de luxo acariciador, a imaginação embelezando-a com todas aquellas coisas deliciosas, reflectindo-a como n'um espelho intimo cheio de deslumbramentos, toda palpitante de ser formosa e admirada, um sonho estonteador, que a fazia esquecer durante todo o caminho o seu miseravel sotão de Miragaya, lobrego e humido, paredes esfumadas e moveis desconjunctados, lançando-se com o movimento asqueroso d'um reptil no ninho de canario da sua phantasia.

E a tia contribuía ainda mais para esta horripilação de sensação, para este contraste desgostoso do seu espirito; recebia-a com palavras asperas e cortantes, injurias grosseiramente cuspidas sobre a sua delicadeza franzina, a cêa de borôa migada n'um caldo verde detestavel.

— Um tédio que causava tudo aquillo!

Só aos sabbados a tratava melhor, quando a fêria vinha intacta, a avidez do interesse tornando-a então supportavelmente carinhosa.

— Um inferno, a sua vida! Mas acontecia o mesmo ás outras, áquellas sobretudo que não tinham mãe, um irmão ao menos...

— Como ella estimaria um irmão, se o tivesse! Viveriam os

dois, felizes, operarios honestos e laboriosos, confidenciando um ao outro os seus pensamentos, os seus segredos... Quem lhe dera um coração amigo e generoso, com quem o seu podesse compartilhar affectos, n'uma grande reciprocidade sincera, carinhosa e meiga, espavorindo-lhe aquelle *humour* taciturno, que a annueava sempre, dando-lhe forças para reagir contra aquella especulação torpe de sua tia, tornando-a alegre e communicativa! Tinha ás vezes horas tão amargas e pensamentos tão exquisitos; aquillo era doença com toda a certeza — concluia receiosa.

Mas, por uma associação intima de ideias, a sua imaginação collocava muito naturalmente a synthese de todas essas boas qualidades de protecção e de carinho, de amor e de conforto no seu mais recente namoro, o Barbosinha, caixeiro de *Modas e Confecções*, com quem todos os domingos á tarde conversava na Cordoaria, em quanto que os cysnes fluctuavam suavemente no lago e a banda regimental parcellava as walsas de Strauss, com um grande desamor rhythmico, nos seus polidos instrumentos de metal.

— Se elle quizesse, como ambos seriam felizes! E não lh'o promettia elle, não lh'o jurava até pela alma de sua mãe?

Como ella o ouvia, toda saciada de luz, quando lhe chamava ternamente a sua *futura*, quando coloria os dias de amanhã com as tintas suaves d'uma felicidade rosea, quando lhe communicava as suas esperanças de *botar* sociedade com o Adriano, um outro collega seu, quando traçava emfim o seu novo e grande plano de vida, todo entregue ao amor por ella e aos interesses do seu negocio.

— Estava farto já de aturar o canalha do patrão.

De vez em quando porém permittia-se uns pequenos atrevimentos, que a ruborisavam e uma noite, em que a acompanhava a Miragaya, enlaçou-a rapidamente ao descer a Bolsa e deu-lhe um beijo na face, um beijo rapido, que a fez sahir fóra de si. E muito afogueada, compondo o lenço:

— que não gostava d'aquellas brincadeiras!...

*

Pouco a pouco porém o terreno era conquistado; elle tinha insinuações mansas, astucias molles de reptil; dominava-a pelo sentimento, fustigava-lhe o seu vibrante temperamento nervoso, criava-lhe a imaginação com os salpicos d'ouro das suas esperanças luminosas. E a costureira entregava-se, o deslizar irresistível sobre um plano inclinado, a attracção inconsciente que a arrastava para elle, sem o desejar, sem mesmo se aperceber que... tinha chegado ao fim, quando a physiologia do seu organismo se sentiu aba-

lada e a maternidade se annunciou por signaes irrecusaveis, evidentes, de que não havia duvidar.

— Mas... não, não!... Não podia ser; era a sua desgraça — protestava.

E atirou-se sobre o leito, um soluçar comprimido e offegante, o rosto occulto no travesseiro como que para esconder a si propria a vergonha d'uma confissão penosa. Foi uma das noites mais horrosas da sua vida; pensou em fugir, em sepultar-se n'uma aldeia miseravel e desconhecida, mendigando o pão de cada dia, dormindo n'um palheiro como os cães, n'uma cova qualquer ao acaso... tinha, nos seus contos infantis, ouvido fallar de grutas, onde ninguém penetrava... concepções irrealisaveis, planos estupidos de vida.

— Oh, quanto mais lhe valera ter morrido em creança!

Roçava-a lugubrememente a ideia da morte, o cerebro impressionavel excitado a esse unico contacto consolador; lembravam-lhe numerosos casos de suicidio, de que os jornaes tinham fallado e no seu pensamento doente destacava-se nitida de relevo, na sua linha firme de cadaver, uma rapariga nova, costureira tambem, que por motivos d'amor se havia precipitado do muro das Virtudes, fracturando o craneo.

— Que horror! — lembrava.

Ainda lhe parecia estar a vél-a, estendida sobre o solo, a face ensanguentada e com terra, os cabellos empastados n'uma massa branca que escorria, o encephalo, os olhos embaciados pela nevoa cadaverica, um fio vermelho de sangue espumoso sarjando a commissura do labio.

— Era horroroso!

Levantou-se do leito esbrazeada por uma febre nervosa; tinha uma sêde ardentissima e, mesmo descalça, dirigiu-se para a cozi-nha, onde bebeu agua, muita agua.

No dia seguinte — resolvera — procurou o Barbosinha; levava ainda os olhos roxeados por um grande circulo violeta, vestigios claros de grossas lagrimas.

— Que havia? — perguntou saltando o balcão, muito surprehendido da visita áquella hora, a concupiscencia boçal na sua fina pupilla irradiante, a *percale* dos punhos repuxada até á raiz dos dedos.

— Precisava de lhe fallar... em segredo — balbuciou tremente e desatou a chorar, um choro angustiado que a suffocava.

O marçanito olhava-a espantado, uns bellos olhos meigos de creança a reflectirem a compunção da sua alma tenra; mas o Barbosinha reparou e visto que ella queria segredo, com uns ares de tyrannete:

— Essa conta dos *pannos familias* a casa de Ignacio Irmãos e C.^a, já.

Voltando-se então para Julia :

— Entra, menina, dize lá o que tens ; sempre trazes uma cara ! — e deu-lhe uma palmadinha na face, em quanto segurava o mostrador de entrada.

A costureira atravessou a loja, penetrou n'uma saleta ao fundo que servia ao mesmo tempo de armazem e casa de jantar, por ella conhecida já ; relanceou o seu olhar por sobre aquellas fazendas accumuladas, fardos por abrir, as duas cadeiras de pinho junto da mesa e em cima a bilha vermelha de barro de Extremoz, o bico esbeçado, — fôra n'uma tarde em que o patrão não estava e que os dois, a brincar, qual havia de beber primeiro. . .

— Mas que novidade havia ? perguntou o Barbosinha sentando-se.

— Ha que . . . e não soube, não pôde, por um sentimento de pudor, concluir a phrase.

Impacientava-o aquelle retrahimento.

— Então, *desembuchas* ou não ? — prorompeu n'um plebeismo grosseiro.

— Não sabes ? — balbuciou timidamente, o rosto afogueado, as suas finas mãos de duqueza, cahindo-lhe sobre os hombros . . . estou, estou grávida.

O Barbosinha levantou-se, estonteado, um idiotismo de besta cravado na face ; mas a reacção veio, uma onda de sangue alastrou as bochechas e com um cynismo torpe, encolhendo os hombros, desdenhosamente :

— E esta ! . . . que culpa tenho eu d'isso ? . . . obrigado pela es-piga, . . . não me faltava mais nada.

A Julia sentiu que a vida lhe fugia n'uma vertigem de allucinada ; parecia-lhe, era a sua sensação — que a tinham corrido a chicote, que um sôpro de escarneo crudelissimo evolava d'aquellas palavras. Olhou-o fixamente primeiro, um ar de compaixão em seguida e depois n'um tom sêcco, vibrante de nervosismo, com um desprezo revoltante :

— Canalha !

Sahiu rapidamente, as pernas vacillantes, o corpo trémulo como a haste d'um lilaz açoitado pelo inverno ; nunca pôde saber as ruas que tinha atravessado para chegar a casa.

E deixou de ir á modista, recusou o alimento.

— Oh, queria morrer !

No bairro soube-se que a Julia estava doente e as vizinhas vieram, curiosas e compassivas, offerecer os seus serviços.

— Mas não era nada, umas dôres de cabeça fortíssimas, agradecia o cuidado.

— Pannos de vinagre — aconselhavam — e se fosse preciso que se mandava chamar o medico da Associação.

— Uma dôr simples, aquillo passaria; o que ella desejava era silencio, estar só, parecia-lhe sentir na cabeça o barulho de muitas carruagens.

E quando as outras a deixaram, desatou a chorar:

— Mentia, hein, até já mentia para encobrir a sua vergonha!... que infame aquelle!

*

As companheiras estranhavam-lhe o ar distraído, surpreendiam as lagrimas silenciosas, que ella se esforçava por occultar. Trocavam entre si miudos segredinhos, uns pequeninos commentarios de malicia.

— Mas que tinha, andava tão *macambusia*!...

— Desgostos, nem ella sabia bem o quê — respondia n'um tòm sêcco, trémulamente irritado, de quem deseja evitar curiosidades.

— Que estavam allí para o que quizesse, era só fallar! credo, até parecia bruxaria o que se estava dando com ella.

Agradecia. Retomava silenciosa o trabalho, um mundo de ideias chocando-se na sua mentalidade fraca, uns terrores incoercentes passando, como um arrepio de neve, na linha febril do seu pensamento. Os risos das companheiras faziam-lhe mal, incommodavam-a; causavam-lhe a sensação d'uma ironia festiva no oratorio d'um condemnado aquelle chilrear alegre de mocidade, aquella frescura timbrada das boas gargalhadas francas.

— Não, não podia supportar aquillo; era um supplicio, um martyrio lento que a dilacerava.

Despediu-se sem apresentar razões.

— Mas não havia que estranhar — diziam — a Julia andava assim como que apatetada; a *bola* não estava no seu logar desde algum tempo!

*

O tempo avançava, sentia-se fraca para confessar, o trabalho repugnava-lhe. E a tia então, imaginando-a preguiçosa ou doente, em qualquer dos casos um encargo, chamava-lhe:

— A fidalguinha — e cantava ironicamente a palavra, terminando sempre n'uma chuva de doestos, que a cortavam, como as pitas

d'um chicote. Alimentava-se mal, o rosto decompondo-se na linha característica da gravidez, apenas os olhos negros brilhando no fundo da sua pallidez *mate* como dous fragmentos de onix embutidos em ambar claro. A sua sensibilidade tornava-se mais extravagante, mais exquisita. O tempo parecia teimar em não exercer sobre ella a tolerancia tão vulgar e tão suave das consolações do irremediavel; pelo contrario cada dia que passava era um estímulo vibrado no seu sér sensível, um *coup de fouette* instigando a sua irritabilidade doentia.

A ideação sentia-se d'esses abalos.

A Julia, d'antes tão sensata, tão alegre, uma intelligencia flexivel e prompta, tinha agora esquecimentos imperdoaveis, desmemoriada, a imaginação alheando-se em dolentos extasis scismadores. Surprehendia-se a chorar a cada instante, e outras vezes, com uma grande incoordenação de movimentos e de sensações, como os ebrios, batia as palmas com phrenesis contentes e largava a rir, doidamente, a obcecação fugitiva tendo vindo substituir de repente a sã lucidez de espirito, que sempre conhecera em si.

E os mais extravagantes e curiosos pensamentos acudiam-lhe para explicar o seu estado.

— Era um encanto que ella trazia lá dentro, havia de consultar a feiticeira do Codeçal! Oh! ella bem ouvia de noite vozes mysteriosas fallarem-lhe aos ouvidos e bem via muitas figuras dançando em volta do seu leito...

Mas outras vezes:

— Que era um relógio, percebia admiravelmente o tic-tac! Gra-vida ella! pois não? fôra sempre uma rapariga honesta! — E ria um riso de cortar a alma.

Ou ainda:

— Que vivia nas suas entranhas uma dóce figura de creança, loira, um sorriso celestial nos pequeninos labios, exactamente igual ao S. Joãozinho que vira n'uma cascata de Miragaya; que lindo, que lindo era!

Mas revoltava-se, uma cristação de hysterica violenta:

— Não, era um monstro hediondo, repugnante, horrivel; bem o via a olhar para ella, as largas pupillas irónicas, a cabeça como a do Barbosinha e um rir sarcástico, muito cruel, que a fazia tremer!... Oh, vissem bem se ella não estava realmente a tiritar de frio!...

As crises serenavam em seguida, a reflexão vinha mansa, como a aza acariciadora d'uma ave.

— Era uma doida! Havia de ser o que Deus quizesse! Já agora estava resignada! Até o havia de estimar muito, seria a sua consolação!... oxalá que fosse uma menina; antes queria, sempre

seriam duas a trabalhar no futuro e não aconteceria á sua filha o que lhe aconteceu a ella! Ora, o que Deus quizesse.

Mas tinham menos interrupções as suas lágrimas, amiudavam-se as crises ao passo que a gestação avançava na sua fatalidade de marcha evolutiva. Era impossivel mesmo encobrir mais tempo.

A tia, n'uma scena violenta e grosseira, obrigára-a a confessar.

— Pois era verdade e então? Que tinha ella que vêr com isso? — affrontou resoluta n'um pequeno relampaguear de coragem.

— Que tinha que vêr!... não estava má aquella!... Até o demo era capaz de rir!... — respondeu, fircando os punhos nos quadris, e após uma pausa ligeira um vomito de epithetos desbragados, fustigando-a como a esparsão d'uma *douche* de lama. — A Julia tremia toda dentro da sua pobre organização de alveloa, detriorada e doente: a vergonha da sua acção abatia a mola tensa da sua coragem d'um momento e ajoelhando bruscamente:

— Perdão, tia, perdão, eu mato-me, mato-me, não posso com a minha desgraça — suffocava n'um choro torrenstuoso.

A fressureira teve um estremecimento.

— E se ella se matava, se tomasse phosphoros, se lhe desse para ahi a veneta, credo, o diabo da rapariga!... E depois quem a ajudaria a viver, como havia de passar aos sabbados sem a feria!... Ora os seus peccados!...

E mansa, a contemporisação do egoismo na palavra:

— Tinham-se visto muitos casos; o mal feito remediado estava! Matar?!... Não faltava mais nada, só Deus tinha esse poder sobre as creaturas! Era perder a alma para *in secula seculorum*!... Ora agora o mal!... Tinha um filho, e então, muitas fidalgas conhecia ella que os tinham! E d'ahi a coisa não era boa, isso não, sempre era um descredito, uma nodoa em bom pano! mas, ao menos se o *gajo* tinha de seu, se lhe promettia casamento...

A Julia teve um encolher de hombros ás ultimas palavras; perpassava na sua imaginação a scena do seu rompimento com o Barbosinha. Evitou responder, e surprehendida, amedrontada até com aquella rapida transição de sua tia:

— Mas perdoa-me?...

— O que lá vai, lá vai, mulher.

— E ninguem o saberá? — perguntou receiosa.

— Boa, a quem ella vinha ensinar o Padre-Nosso... não lhe desce cuidado, já não era a primeira vez... agora o que se tratava era de cardar lã ao *gajo*.

— Nunca, oh, isso nunca — protestou a Julia na sua indignação honesta, como se ainda echoasse nos seus ouvidos a cynica resposta do seu amante, ao ter-lhe confiado o segredo do seu estado —

trabalharia mais, o seu trabalho havia de chegar para a crear, e veria a tia, como viveriam felizes.

— Bem, bem, fallariam n'isso n'outra occasião! e que tivesse juizinho d'alli em diante! As visinhas eram *joias*, a mulher do policia sobretudo, nada de conversinhas, caladinha, caladinha!...

Deixou-a só. Foi para Julia um instante bom, de suave felicidade em toda aquella crise tempestuosa que se agitava dentro de si; sentia-se melhor, a alma confortada, a maior difficuldade, a de confessar o seu erro á tia, tendo sido vencida do modo o mais brando, em harmonia com o seu temperamento hesitante e tímido.

— Não esperava tanto d'ella, sempre era sangue, coitada! E desafogára ao menos!... E, depois, ninguem, ninguem o saberia! A criança havia de ir para uma ama da aldêa, iria vê-la aos domingos, todos os domingos, sentir-se-ia alegre em trabalhar o dobro para sustentar a sua filhinha!

Mas apesar d'esta hora tranquilla de calmaria, a natureza no seu grito de hystérica, era cruel para com a pobre Julia; as crises succediam-se com maior frequencia, os vomitos eram rebeldes de pauperando o seu já pobrissimo sangue, as allucinações dos sentidos cresciam a ponto de ter a fressureira de vigial-a a cada instante, e de encerral-a n'um quarto para que as visinhas de nada desconfiassem.

Aproximava-se o periodo fatal; dôres fugazes lhe alanceavam as entranhas, os espasmos nervosos eram ininterruptos. E uma vez, que uma visinha veio informar-se da sua saude, em occasião em que a tia não estava, ella com o olhar esgazeado, idiota, d'uma allucinada:

— É meu, vossê sabe, tia Claudina.

— Mas é teu o quê, filha?

— É meu, olhe se o vê, parece-se com um lagarto, ai... os olhos, os olhos... como largam lume! são os do Barbosinha! Hei de matal-o, eu!... Ah, ah, ah... E desatou a rir, n'uma convulsão hystérica.

A Claudina sahiu boquiaberta, fazendo esconjuros,

— Credo, tinha *espíritos* no corpo o diabo da rapariga! — e mysteriosamente, ao terminar a cêa, narrava ao seu homem, o 33 da Policia, todas as minudencias d'aquelle extraordinario caso.

O Antunes parecia ouvil-a imperturbavel, todo distrahido em beber o azeite as lascas do bacalhau assado. Mas quando ella concluiu:

— Ah! anda marosca por força, mulher, é pôr d'alcatêa, ron-dar aquillo a miudo, não são aquellas bebedas que m'a hão de pregar na menina do olho.

*

Dias depois a Julia sentiu-se mais doente ; as dôres convulsivas do parto annunciaram-se e no seu estado de parturiente hysterica as allucinações desvairavam-a, a incoherencia da ideação era desordenada, as mais extravagantes concepções descerravam-se ora entre o riso louco das suas gargalhadas, ora entre as tempestades soluçantes das suas lagrimas. E toda ella, subjugada pela nevrose que a alienava do mundo real, ora se contorcia nas contracções paroxisticas, ora se amodorrava n'um deliquio frouxo analogo da prostração comatosa, que é tantas vezes o symptoma precursor da morte, nas parturientes eclampticas.

— E morre-me, morre-me, se isto assim continúa! — lamentava a Margarida com um ar inquieto de fatalidade criminosa — e eu aqui sósinha, sem ninguem que me ajude!

E eram panos de vinagre uns após outros em roda da cabeça, que deixavam na alcova estreita um acre olor acidificante, e rezas murmuradas, Padre-Nossos interrompidos á Senhora do Allivio, á do Bom Successo, á Senhora das Dôres dos Congregados, que era sua madrinha... Os seus peccados...

Foi n'um momento d'esses que a Julia, no cumulo da sua dôr, allucinada, louca, se levantou convulsamente no leito e uma criança arroxeadada, cahiu de chofre sobre a roupa, articulando o primeiro vagido.

Ella escutou.

Pareceu-lhe que esse vagido inimitavel, estranhamente novo, a chamava pelo seu nome e hesitante, os olhos immobilizados por um terror vago, fitando a creança :

— É um monstro ! — rugiu.

E como um leopardo que se atira sobre a presa, inconsciente e rapida, apertou-lhe com as mãos a garganta, n'uma convulsão estertorosa e ao vér a côr vermelha, em seguida a rôxa, e por ultimo a negra alastrar todo o rostosinho da criança, embalou-a nos braços, com a insensatez incoherente da loucura estampada nos olhos desvairados, rindo, rindo, como se o seu riso fôra um cantico.

*

Uma prostração comatosa profunda, em que a respiração mal se distinguia, teve-a quasi morta; uma vez ou outra apenas, no exaurimento do seu pobre organismo enfraquecido se levantava a reacção do delirio, d'esse delirio das puerperas allucinadas, que é todo um terramoto psychologico.

Quando, muitos dias depois, nos seus bellos olhos passou o primeiro relampago da claridade luminosa, essa luz tentou investigar todos os recantos da pequena alcova, como que procurando alguma coisa occulta que alli faltava.

— E então? — perguntou para a tia.

— Foi uma rapariga!... mas tu — ia continuando a fressureira.

— Vá buscar-m'a, sim? Queria agasalhal-a aqui, junto de mim; deve ter tanto friinho, a innocente!

A Margarida não lhe respondeu; era a primeira vez que a Julia lhe fallava sensatamente e isto baralhava todas as suas idéas.

Um susurro de passos fazia-se ouvir na saleta proxima; a fressureira entreviu pela porta meio aberta a Claudina, a Monica do cura, o 33 da Policia; teve um estremecimento de medo.

— Quem tem a pequena? — perguntou ainda a costureira — é alguma visinha?

A fressureira encolheu os hombros.

— Então não me falla?

— Fallo eu por ella, minha grande *desavergonhada!* — Surgiu o 33 na sua magestática *pose* de agente da ordem, os bigodes longos, o sabre oscillando ao lado, como um gladio immaculado de justiça.

— Mas que fiz eu, que me quer? então o visinho sabe a minha desgraça? — interrogou ennovellando-se dentro dos lençoes, a face occulta ruborisada pelo pudor.

— Vamos e em cinco minutos fóra d'esse ninho — foi a unica resposta do policia.

A Julia ficou perplexa, muito pallida, um grande terror de saber exposta a sua falta, o seu erro.

— Que vergonha!

Mas cheia de resoluta coragem:

— Que lhe importava afinal! Era mãe, era a sua filha... E porque não lh'a traziam, queria vê-la, — insistiu, mal podendo sustentar-se.

A rubra indignação do 33 não pôde deixar de explosir então:

— Oh, grandissima safada, com que... queres a tua filha, hein?

— A minha filha, a minha filha, sim! porque a não hei de eu querer?

— E tu para que a assassinaste, monstro? — respondeu n'esta phrase de effeito, que uma vez n'um drama das Carmelitas tão bem soára ao seu ouvido de policia honrado.

— Matal-a, eu... — rompeu n'um grito lacerante, toda convencida da sua innocencia a costureira doente.

Mas uma visão estranha perpassou diante dos seus olhos, a criança arroxendo-se entre os seus dedos franzinos de duqueza, n'aquelle instante valentes como garras, e toda a sua força vital esgotada.

— Oh, é isso, meu Deus! — e cahiu n'uma syncope.

O policia chamou os collegas; combinaram.

— Era melhor um carro, reunia-se gente e depois a coisa era mais estrondosa.

Metteram dentro a Julia, um quasi cadaver, e a Margarida, uma quasi idiota pelo terror. A multidão cobria-as de injuriosos epithetos.

— Bebedas!

— Que visinhança de pégas!

— Mereciam a mesma sorte que tinham dado á innocentinha!

— Criasse-a, a grande *desavergonhada!*

Algumas pedras mesmo foram arremeçadas, um vidro do *coupé* tilintou em estilhaços miudos; viu-se a cabeça do policia pedindo socego á turba popular indignada.

*

Dez mezes depois, o tempo indispensavel para que aquella pobre rapariga bebesse no ar viciado d'uma enxovia todos os germens da sua degradação organica, o julgamento ia ter logar no velho tribunal de S. João.

Coberta com a sua capa negra, como um véo passado sobre a sua bella existencia de criança, toda livida, muito magra, olheiras violetas no rosto branco, da brancura *mate* das prisões, a Julia, de pé, a face escondida nas suas mãos esguias para que o publico não tivesse o sabor profano das suas lagrimas, ouvia o discurso atrabiliario do delegado do ministerio publico, disparado contra a consciencia boçal d'um jury de senhores burguezes.

— Era preciso dar um exemplo frisante — perorava o senhor bacharel — castigar aquelle monstro, livrar a sociedade d'aquella fera! Gostára de ouvir o illustre advogado de defeza, mas se as suas theorias da irresponsabilidade do criminoso pudessem ser attendidas, onde iria então a sociedade parar? — Sim, que lhe dissessem os senhores jurados, onde é que a sociedade iria parar!

Elle não tinha palavras, com que exprimir um crime tão hediondo, seccava-se-lhe mesmo a voz na garganta — e bebia uns goles de agua como para o comprovar — era preciso pedir todo o rigor da justiça contra os attentados d'aquella natureza! Onde iria a sociedade parar?...

Contorcía-se dentro das pregas da sua toga ampla e dentro das

suas imagens de rhetorica sedição, bracejava, appellava emfim para a consciencia do jury illustrado, independente e composto por homens de bem, por paes de familia.

O juiz, quando elle concluiu, teve uma expectoração de grassa magestade; um murmurio de labios applaudia na bancada do jury e fóra, na *réde*, os espectadores applaudiam tambem.

Depois o senhor juiz interrogou a ré :

— Confessa que por suas proprias mãos estrangulou sua filha ?

Fez-se um silencio glacial. E no meio d'elle a Julia, soluçante de dôr, por entre as suas lagrimas torrenciosas, as ultimas talvez que choraram os seus olhos :

— Oh, senhor juiz, eu não sabia o que fazia então, juro-lh'o ! Pois eu havia de querer matar a minha filhinha ? ...

Um susurro de indignação passou na sala ; foi necessario que o magistrado restabelecesse o silencio, que a campainha vibrasse.

O Barbosinha, que assistia ao julgamento, explicava as suas antigas relações aos circumstantes.

— Que tal a prenda, hein ? capaz de me envenenar qualquer dia.

A voz cavernosa do juiz disse porém á ré que continuasse, e a Julia, como n'um extasi, como se fallasse para dentro de si, alheada do publico :

— E sabe o senhor ? Matei-a, matei a minha filha... um anginho !... mas ella não era minha, a minha filha havia de ser muito bonita... muito... e a que eu matei era um bicho, um lagarto, tinha os olhos vermelhos, deitavam lume !... ah, ah, ah !...

E largou a rir, n'uma convulsão de hysterica, a luz da sua vacillante razão apagada para sempre.

*

Ia na ultima leva de condemnados a desterro perpetuo nas possessões d'Africa, uma mulher avelhentada, uma pobre idiota de que todos riam ao vê-la embalar, nos braços, uma trouxa de roupa, que ella teimava em chamar a sua filhinha.

No registro tinha o nome de Julia, orphã, profissão costureira.

Lisboa — Maio — 88.

J. AUGUSTO VIEIRA.

NECROLOGIA

HUGO LEAL

Falleceu, ha dois mezes, no Rio de Janeiro, victima de uma tuberculose pulmonar e na curta idade de 25 annos, Hugo Leal, um dos espiritos mais brilhantes da mocidade brasileira contemporanea. Coube ao *Diario de Noticias* a triste missao de nos dar esta nova, que dias depois nos foi confirmada pela *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, cujo numero de 26 de março é dedicado á memoria do infeliz mancebo. Esta morte prematura foi uma perda immensa para as letras e para a politica republicana do Brazil, porque Hugo Leal era um litterato distincto e um partidario dedicado. Dotado de uma organisação de poeta, enthusiasmava-se com as ideias grandes e generosas, e lançava-se em campo na defeza das causas justas, exercendo a sua inesgotavel actividade, onde se encontrava, sem se prender com preconceitos e sem reconhecer outra patria senão a humanidade. O partido republicano federal portuguez teve n'elle um dos seus mais sinceros batalhadores.

Hugo Leal era natural da cidade de S. Luiz do Maranhão, onde nasceu a 21 de julho de 1857. Seu pai, o dr. Antonio Henriques Leal, escriptor brasileiro, vendo-se forçado a vir para a Europa a procurar allivio para os seus padecimentos, trouxe em 1868 a sua familia para Portugal, onde Hugo fez os seus estudos, preparando-se para frequentar a escóla de medicina de Lisboa. Em breve, porém, resolveu-se a ir a Paris, onde se matriculou na faculdade de medicina no mez de setembro de 1876. Um desastre que mezes depois lhe succedeu, impossibilitou-o de continuar a sua carreira medica, prendendo-o por largo tempo no leito. Foi então que se revelou como poeta, dando a lume as *Rosas de Maio*, um volume de versos em que transparece a cada passo a alma apaixonada de brasileiro. Hugo Leal acompanhou seu pai ao Rio de Janeiro, em julho de 1878, voltando em 1880 para

a Europa. Data do seu regresso a Lisboa o periodo da sua maior actividade politica e litteraria. Filiando-se no Centro republicano federal, foi dentro em pouco eleito presidente da commissão executiva, cargo que exerceu de junho a dezembro de 1880, tomando parte activa nas festas do tricentenario de Camões, fazendo conferencias politicas, tanto na sala d'esse Centro, como na do Centro eleitoral republicano federal do circulo 97, promovendo saraus para commemorar as grandes datas nacionaes e os dias sollemnes para a democracia universal, chegando mesmo a tentar manifestações mais arrojadas, como a celebre marcha *aux flambeaux*, que o governo não consentiu com receio de uma revolta popular. Ao mesmo tempo Hugo Leal acompanhava os directores d'esta REVISTA DE ESTUDOS LIVRES na redacção do semanario republicano federal *A Vanguarda*, onde mostrava já as suas aptidões não vulgares de jornalista eminente, que mais tarde desenvolveu na imprensa diaria do Rio de Janeiro. Republicano federal convicto indignavam-o profundamente a tibieza de character, a transigencia de principios e as pretensões aristocraticas de alguns correligionarios, o que deu origem ao seu energico protesto contra os republicanos que compareceram no jantar do bairro Camões e á fundação de um semanario satyrico, em que fustigava com a sua ironia acerba os ridiculos e as miserias do nosso meio social. Os importantes serviços prestados por Hugo Leal ao partido republicano portuguez valeram-lhe o ser denunciado aos poderes publicos como estrangeiro, por uma folha democratica que elle molestava com a sua intransigencia de principios! O governo, porém, não fez a vontade ao denunciante porque lhe passou despercebida a denuncia ou porque a achou tão vil que não quiz alegrar o author d'ella.

Hugo Leal sahio de Portugal, é certo, em dezembro de 1880, mas por ter de acompanhar sua familia ao Rio de Janeiro. Então fixou-se na capital do Brazil, onde continuou a sua existencia agitada de luctas e de trabalho em prol da causa republicana. Entrando para a redacção da *Gazeta da Tarde*, ahí mostrou quanto valia a sua penna de jornalista, ajudando Ferreira de Menezes, e depois substituindo-o na direcção da folha quando esse jornalista falleceu. «A prodigiosa actividade de Hugo, escreve Adelino Fontoura, não arrefecia um instante, e o seu talento multiplicava-se de um modo surpreendente, apparecendo simultaneamente no artigo de fundo, na noticia ligeira, no folhetim semanal, na secção de economia domestica *Mãe de familia* onde tomára o pseudonymo de M.^{me} Vate, na secção de modas e *toilettes* que assignava com o pseudonymo de Lord Percy, etc.» Em janeiro de 1882 partiu para Barbacona, cidade do interior, na serra de Mantigueira, indo por conselho dos medicos procurar restabelecer-se das consequencias de uma bronchite, que tomára um character bastante perigoso. Quatro mezes depois voltava á capital com todas as apparencias de uma completa saude, mas successivas rechidas trouxeram-lhe fatalmente a doença a que succumbiu. Durante este ultimo periodo da sua vida, não socegou um só instante, contiunando a dispendir a sua força intellectual em novos trabalhos litterarios e na propaganda activa dos seus principios e das suas doutrinas politicas.

Adelino Fontoura, que já citamos, descreve-nos admiravelmente o saudoso poeta nas seguintes linhas da *Gazeta da Tarde*: «Alto, elegante, ligeiramente pallido, cabellos negros, mãos compridas e brancas, Hugo, constituia um typo extremamente sympathico, sem *poses* estudadas, de uma grande simplicidade nas maneiras, dominando todos com o seu ar dôce e com os seus modos despresumidos e francos. A sua voz bem timbrada, a sua nativa distincção, a sua affabilidade especial e uma leve timidez em tudo isto, punham no seu typo pensativo e romantico a nota encantadora de uma originalidade captivante».

BIBLIOGRAPHIA

Ernesto Pires — *O legado d'um rei*, com uma dedicatória ao jesuita Masella. — Lisboa, 1883 — 16 pag. — *Canções da canalha* — Lisboa, 1883 — 56 pag. — *Evangelho da Revolução*, 2.^a edição — Lisboa, 1883 — 52 pag.

A verdade manda Deus que se diga, ouvimos nós asseverar desde a infancia. Com o tempo transformaram-se as nossas crenças, puzemos de parte por inutil e por estranha a todos os conhecimentos positivos a noção da divindade, mas aquelle preceito ficou no nosso espirito, não como um mandamento de Deus, mas como um dever de consciencia. É por isso que usamos dizer sempre o que sentimos, o que pensamos, sem temer as consequencias, sem nos importar que os amigos se mudem em inimigos. A verdade, sempre a verdade, porque só a ella prestamos culto, porque só nos seus altares sacrificamos. Trazemos hoje como victima para a immolação as poesias do snr. Ernesto Pires; e como os antigos aruspices procuravam nas entranhas do animal sacrificado os dictames dos deuses, nós iremos investigar nos seus versos a ordem de ideias e de sentimentos que move o estro do poeta.

A arte em geral, e nomeadamente a poesia, exerce uma missão importante na sociedade. O seu destino consiste em emocionar e preparar os cerebros para o desenvolvimento intellectual. Tem, portanto, de se inspirar n'um systema philosophico todo aquelle que quizer fazer uma obra de arte verdadeira e duradoura. Cremos que não é tão alta a aspiração do snr. Ernesto Pires. Contenta-se com seguir modestamente os passos de outrem. O seu mestre é Guilherme Braga, o notavel poeta dos *Falsos Apostolos*, que representa o romântismo na sua ultima phase — de revolução e de duvida. A evolução poetica, mesmo entre nós, já está muito distante d'este periodo caracterizado pela opposição entre « o candido Jesus » e os padres « as viboras malditas ». A lenda do Christo foi estudada nos seus antecedentes tradicionaes e a classe sacerdotal recebeu a sua verdadeira interpretação historica pelo desenvolvimento da sociologia. A época da critica negativa terminou para as intelligencias mais avançadas. O snr. Ernesto Pires conserva-se, porém, no estado de transição, sem se decidir a abandonar de todo o arsenal monstruoso de phrases feitas e ôcas do desacreditado romantismo, e a erguer-se pela aquisição dos conhecimentos reaes á altura do espirito especulativo da actualidade. É um poeta revolucionario, mas apenas na accepção negativa d'este qualificativo; pertence á bohemia litteraria, senão á bohemia dos que cultivam a arte pela arte, a essa outra bohemia que visa ao effeito pela declamação rhetorica e emphatica do puro sentimentalismo republicano. Na realidade o snr. Ernesto Pires é um perfeito exemplar do estado de indisciplina mental em que ainda se encontra a maior parte do partido avançado no nosso paiz, a qual, é certo, tem as mais bellas intenções, possui uma sincera aspiração democratica, mas no fundo não sabe o que quer, não define os seus principios, não comprehende mesmo que os phenomenos sociaes estão sujeitos a leis como todos os outros phenomenos da natureza, quer cosmicos, quer biologicos. O poeta descreve bem esta situa-

ção nos seus dois sonetos vivamente sentidos — *Deante d'um crucifixo*, onde exclama :

AI, meu doce Jesus, eu soffro tanto !
Tenho no peito meu a Raiva e a Dôr
E no olhar desvalrado a luz do Espanto !

Para elle a morte é a redempção, o aniquilamento o seu ideal, como para os sectarios do Buddha ; lamenta por isso a sorte do Christo que fica sempre na terra

Exposto aos furacões, aos vendavaes,
Sempre preso na cruz, sempre pendente,
Sempre sujeito á voz dos cardeaes.

E n'outro soneto :

Ó Christo, ó velho heroe, porque inda existes
Se a alma e o coração são só materia ?

Será, o poeta, materialista ? será atheu ? Não ; no *Evangelho da Revolução* exclama :

Ha Deus, que eu bem o sinto erguer por toda a parte
O seu poder immenso, energico e fecundo...

Por vezes, porém, duvida da sua existencia. Em dois sonetos — *Scepticismo* — dos quaes o primeiro é extremamente bello, accusa Deus por lhe roubar um filho estremecido ; *rojou-se de bruços, implorou-o*, mas

Podendo elle, talvez, não ha querido.

N'outro soneto, tambem dos melhores do snr. Ernesto Pires, vai mais longe, confessa até que

Já Deus humilha a frente ante a Sciencia.

Mas basta de citações. Este exemplo é sufficiente para evidenciar o estado de indisciplina mental do illustre escriptor, que tanto sob o ponto de vista moral, como sob o ponto de vista philosophico mostra não possuir um credo definido. A sua feição caracteristica é o jacobinismo. Estão assim a maioria dos revolucionarios portuguezes.

Emquanto á forma, os versos do snr. Ernesto Pires, geralmente correctos, não têm, comtudo, a harmonia sublime que tanto distinguia as poesias de Guilherme Braga. N'algumas estrophes eleva-se bastante pela delicadeza do sentimento e pela perfeição rhythmica, chega mesmo a egualar os melhores poetas, para em breve cahir n'uma lamentavel mediocridade. Falta-lhe o senso artistico e principalmente uma solida base de noções positivas. Terminando aconselhamos ao snr. Ernesto Pires que estude, que trabalhe muito, que multiplique os seus esforços, se quer alcançar um logar distincto na litteratura contemporanea.

TEIXEIRA BASTOS.